

URI - UNIVERSIDADE REGIONAL INTEGRADA DO ALTO URUGUAI E DAS
MISSÕES – CAMPUS DE FREDERICO WESTPHALEN
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA EXTENSÃO E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

**A AÇÃO PEDAGÓGICA NO CONTEXTO CIBERCULTURAL: DA AMBIÊNCIA DO
ALUNO À PRÁTICA DO PROFESSOR**

ANA PAULA BALDO

FREDERICO WESTPHALEN, ABRIL DE 2016

ANA PAULA BALDO

**A AÇÃO PEDAGÓGICA NO CONTEXTO CIBERCULTURAL: DA AMBIÊNCIA DO
ALUNO À PRÁTICA DO PROFESSOR**

Dissertação apresentada ao Programa de pós-graduação - Mestrado em Educação da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI Frederico Westphalen, para obtenção de grau de Mestre em Educação.

Orientadora Professora Dra. Elisabete Cerutti

Frederico Westphalen, abril de 2016

URI - UNIVERSIDADE REGIONAL INTEGRADA DO ALTO URUGUAI E DAS
MISSÕES – CAMPUS DE FREDERICO WESTPHALEN
PRO-REITORIA DE PESQUISA EXTENSÃO E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

ANA PAULA BALDO

**A AÇÃO PEDAGÓGICA NO CONTEXTO CIBERCULTURAL: DA AMBIÊNCIA DO
ALUNO À PRÁTICA DO PROFESSOR**

Dissertação apresentada ao Programa de pós-graduação - Mestrado em Educação da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI Frederico Westphalen, para obtenção de grau de Mestre em Educação.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora Prof^ª. Dr^ª. Elisabete Cerutti

Prof^º. Dr. Adriano Canabarro Teixeira - UPF

Prof^ª. Dr^ª. Neusa Maria John Scheid Scheid

Frederico Westphalen

2016

Dedico este estudo aos que evidenciam a educação como um ato de amor e que
refletem o brilho do ensinar e aprender.

Em especial dedico aos amores da minha vida: meu companheiro de todos os
momentos Marcelo, meus mestres maiores mãe Marlene e pai Adilar.

AGRADECIMENTO

Há momentos que tudo o que se deseja é estar perto e em muitas situações somente a quietude de estar sozinho basta. Entre ideias e outras o pensamento transita no momento desejado: chegar em casa e estar perto de quem se ama.

Entre as travessias da ponte, ou da balsa e suas longas filas, o objetivo maior era chegar para receber aquele abraço carinhoso que sem palavras me dizia tudo.

É por esse percurso, que é preciso agradecer em primeiro preciso de devo agradecer ao “pai do céu” pelas bênçãos dadas, as forças entregues ao corpo e as pessoas maravilhosas que colocaste em minha vida, pois com a bênção e a fé em Deus torna a caminhada mais leve.

Meu grande companheiro, amigo, incentivador, meu orgulho e segurança, meu esposo Marcelo Buratto, quantas vezes as conversas se resumiam ao Whatsapp, em frases que me faziam sentir perto e certa de que quando voltasse estarias ao meu lado, me esperando amado e carinhoso como sempre. Quantas vezes em momentos de desânimo suas palavras foram o conforto da minha mente e do meu coração. Quando acreditava não mais conseguir pois o relógio contabilizava somente 24 horas para tudo o que haveria de ser feito, sempre tinha um conselho e me fazia dizer... “pois é, você tem razão”. Sem você nada disso seria possível. Admiro e amo... Obrigada, eternamente Obrigada.

Meus amados pais, quantas vezes a preocupação fez parte de suas vidas, enquanto esperavam uma mensagem de “cheguei, estou bem”. E quantas orações fizeram para abençoar meu caminho. Desde sempre, presentes, parceiros, me dando carinho, afeto e o sentido de sentir-me amada. Vocês são meu orgulho, meu porto seguro. Mãe amada quantas vezes sentamos e juntas choramos, de alegrias e de medos também. Pai, um dia dissestes que eu era o seu orgulho, mas quero lhe dizer que você é meu orgulho, minha admiração por você é infinita e tudo o que me ensinastes não há titulação de corresponda. Amo vocês.

Antonieta... minha amiga de muitos quilômetros rodados, a como foram muitos. Com você amiga aprendi mais do que conceitos, pensamentos teóricos, aprendi a ser uma pessoa melhor a cada dia, a tornar minha opinião algo válido. Quantas risadas, mesmo dormindo juntas e eu lhe deixando sem cobertor sempre me amastes muito assim como eu amo você, mesmo acendendo a luz nos seus olhos para ver se estavas dormindo não me “jogou contra a parede”, escrevo isso entre risadas, pois com você desfrutei tantos e tantos momentos bons. E juntas construímos muito, inclusive um vocabulário diferenciado que me ensinastes, que eu sei é segredo, ou quase isso... Amiga você foi uma das melhores coisas que aconteceu na minha vida. Eternamente grata pela sua amizade, verdadeira e como é verdadeira. Amo você.. Graças a você também conheci outra pessoa maravilhosa Dona Inês, que encanto

de ser Humano que me acolheu em seu lar como se fosse da família e me fez sentir bem e especial, obrigada Dona Inês e Liléia pelo acolhimento afetuoso.

A minha tia Neusa, que durante dois anos nenhuma sexta-feira passou sem uma mensagem de boa viagem, e um vai com Deus e volta logo, pois tenho saudade. Minha segunda mãe, te amo muito. Nona, amada noninha, carinhosa, atenciosa e muito zelosa para que sempre eu estivesse bem. Andreisa e Gabrieli, minhas afilhadas, primas e companheiras, vocês me completam. Andreisa, obrigada pelos questionários, pelos recados, pelos chamas e conversas. Meninas amo vocês. Erci, muitas ideias trocamos, muitas vezes refletimos, lhe tenho como um grande amigo, que sempre se preocupou comigo, obrigada pelo carinho, és muito especial para mim.

A minha amada orientadora Elisabete Cerutti, pessoa admirável, que sempre sabia o que me dizer para me deixar com a autoestima lá em cima. Muitas ideias trocamos. Você foi um presente na minha vida, suas orientações e sua extrema atenção em todos os momentos, em todos os detalhes me fizeram acreditar que o sonho do mestrado seria possível. Admiração profunda é o que sinto por você.

Aos meus sogros Celso e Isabel, sempre preocupados e rezando para que meu caminho fosse abençoado. Vocês são especiais na minha vida, e me confiaram a pessoa mais amada, seu filho Marcelo.

Aos meus amigos que amo muito, Graziela, Deonir, Silvania, Denison, Sabrina, Jean Pierre, Maykon e Jéssica, que trocaram muitas jantadas da sexta para o sábado para eu estar presente, que sempre me deram força e coragem, obrigada pelas visitas maravilhosas, pela atenção e curiosidade sobre o meu trabalho que amo muito e os meus projetos, obrigada mesmo... Vocês são parceiros, amigos inestimáveis e para sempre.

Minha amiga Marisleide. Que depois de tantas voltas que a vida deu nos reencontramos e construímos uma bela amizade. Neste percurso do mestrado você sempre buscou encaixar-se aos horários que eu estava disponível para não deixar de lado nossas conversas. Aprendi muito com você, és uma educadora que eu admiro muito, sua criatividade me inspira. Sua amizade é muito importante. Amo você.

Aos meus colegas de mestrado da turma 2014, cada um do seu jeito contribuiu muito para a minha vida, espaço vip em meu coração.

Aos professores do Mestrado em Educação da URI, pelos conhecimentos, conselhos, incentivos e luzes naquele túnel que as vezes parecia tão distante, também obrigada á minha amiga e incentivadora eterna professora que como sempre disse “quando eu crescer quero ser como você” professora Dilva, sempre presente, nem que por e-mail, mas saudosamente obrigada.

A banca da qualificação, Professora Dr. Neusa Maria John Scheid e ao Professor Dr. Adriano Canabarro Teixeira, quantas considerações importantes me oportunizaram, novos olhares, novas formas de escrever e perceber a importância de colocamos as palavras, além de autores indiscutíveis, pessoas que com cordial e zelo dispensaram ensinamentos importantíssimos

A gestora da Escola Nossa Senhora da Salette pela atenção, dedicação e forma adorável como me recebeu em todos os momentos.

“Meus filhos terão computadores, sim, mas antes terão livros. Sem livros, sem leitura, os nossos filhos serão incapazes de escrever - inclusive a sua própria história”.

Bill Gates

RESUMO

O presente estudo refletirá sobre a prática docente em um contexto cibercultural, a fim de perceber sob o olhar do aluno e do professor, em que medida a ação pedagógica leva em consideração a ambiência com as tecnologias e como elas podem auxiliar na aprendizagem. A sociedade está em constantes transformações. Essas são movidas pelas pessoas que vivenciam e fazem com que as mudanças ocorram. A escola, sendo um espaço de construção do conhecimento e oportunidade de formação humana, convive com a realidade social e busca adaptar-se a esse meio. Acreditando que a maioria dos alunos que constituem a Educação Básica tem contato com as tecnologias e utilizam as mesmas no cotidiano, buscou-se através de uma pesquisa de cunho qualitativo descritivo, realizada com entrega de questionários a alunos e professores, analisar como a relação pedagógica aqui denominada como prática do professor dialoga com a realidade da presença das tecnologias e a construção do conhecimento. Para tal intitulou-se o tema “a ação pedagógica no contexto cibercultural: da ambiência do aluno à prática do professor”. A busca de teorias, perguntas, respostas e a relação entre ambas moveu-se a partir do problema de pesquisa: em que medida a ação pedagógica do professor leva em consideração a ambiência dos alunos com as tecnologias, para buscar respostas a esse questionário objetivou-se analisar os pressupostos teóricos da Informática na Educação em relação às tecnologias e, também, compreender as possibilidades didáticas que o docente dispõe em sua aula em relação às tecnologias e às tecnologias digitais, bem como, verificar como os alunos e os professores percebem a prática pedagógica através das tecnologias e quais estão presentes em relação ao contexto cibercultural, já que estes estão inseridos em um contexto cibercultural e ambientados com a mesma. Delineou-se a pesquisa em torno de compreender o espaço cibercultural, determinando teoricamente como as tecnologias estão presentes neste ambiente, deixando evidente a liquidez das mesmas em relação a geração líquida que está inserida no espaço escolar e como ocorre na visão dos alunos, a possível ambiência dos mesmos com as tecnologias e sua inserção para um ensino de parceria. Tendo como principais teóricos norteadores Lévy(1999), Bauman(2004; 2009; 2010) Valente (1993;1999;2005;2011), Freire (1995; 1996; 2000 e 2007). A partir da pesquisa pôde-se considerar que como respaldo da análise dos questionários, alunos e professores acreditam que ocorre a ambiência com as tecnologias, porém no espaço escolar ela aparece como algo periférico, ferramenta de pesquisa, não como uma ferramenta didática propriamente dita que envolve interação, participação, construção e socialização de conhecimentos com o olhar do aluno como sujeito da aula.

Palavras-chave: Ambiência em tecnologias, prática pedagógica, aprendizagem.

SIGLAS

TDs – Tecnologias Digitais

TICs – Tecnologias da Informação e da Comunicação

IBICT - Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia

TDIC's - Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação.

DVD – Disco Digital Versátil

TV – Televisão

WEB – Rede que conecta computadores por todo mundo, a World Wide Web

PPP – Projeto Político Pedagógico

PROINFO - Programa Nacional de Informática na Educação

SUMÁRIO

PRIMEIRAS PALAVRAS: da historicidade de vida à escolha do tema.....	13
1 ASPECTOS HISTÓRICOS E POLÍTICAS DE DESENVOLVIMENTO DA INFORMÁTICA NA EDUCAÇÃO	21
1.1 A prática educativa no Contexto Digital.....	22
1.2 Desvendando o Ciberespaço	33
2 NUANCES DE UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA NA CIBERCULTURA.....	37
2.1 Caracterizando a relação Cibercultural e a Prática Pedagógica	40
2.2 O aluno enquanto sujeito da sua aprendizagem	44
2.3 Construção de uma prática pedagógica interativa	47
3 ANÁLISE DOS DADOS	49
3.1 Situando o universo pesquisado	52
3.2 Vivências da pesquisadora	53
3.3 Análise e categorias: em busca de evidências.....	53
<i>3.3.1 Os alunos utilizam e os professores acreditam que eles utilizam</i>	<i>55</i>
<i>3.3.2 Tecnologias presentes em sala de aula</i>	<i>61</i>
<i>3.3.3 Preferências de metodologia de aprendizagem e a reação observada.....</i>	<i>67</i>
<i>3.3.4 Tecnologias na escola: uma possibilidade apreciada por educadores.....</i>	<i>70</i>
CONSIDERAÇÕES FINAIS E PERCURSOS FUTUROS.....	73
Caminhos futuros.....	77
REFERÊNCIAS.....	79
APÊNDICES	86

PRIMEIRAS PALAVRAS: da historicidade de vida à escolha do tema

Ao principiar este estudo, entendi que era necessário, nestas “primeiras palavras” elucidar a história de vida, o que de alguma maneira, se confunde com minha história profissional. A mesma é movida por este acreditar constante na educação e no desejo de buscar respostas (ou novas perguntas) que possam qualificar a prática pedagógica, em que organizei uma vida estudantil num momento em que se necessita entendê-la conceitualmente, para ganhar amparo teórico e metodológico e dar conta de uma construção de conhecimento na Educação Básica.

Movida pelas abordagens da educação tudo isso pode ser citado como questões de um processo de formação contínua, que se estende durante a vida docente. Entende-se o trabalho docente como práxis, na qual a unidade teoria/prática se caracteriza pela ação/reflexão/ação. Ele necessita de uma participação ativa e consciente na vida da escola. Arroyo (2000) ressalta que o educador é um sujeito das práticas educativas, reaprende saberes e artes e recupera a imagem que constrói dos educandos.

Acredita-se que a educação é um ato centrado e realizado por seres humanos, considerando-os como autores do seu processo de emancipação e história pessoal. A partir destas considerações, têm-se suscitado um profundo descortinar de novos saberes e devido ao ingresso no Mestrado em Educação, como parte de um sonho, torna-se também, um desejo eminente de procurar na ciência a busca das respostas a este cotidiano desafiador em que se tornou a educação.

Nas instituições de ensino ocorrem a maior parte de aprendizados dirigidos, orientados, planejados e objetivados através da intencionalidade pedagógica. É no ambiente escolar que se idealiza uma busca para que os alunos sejam felizes e realizados, reconhecidos como seres humanos, dotados de capacidades, desejos e anseios e estes, vinculados à imaginação, ao cuidado e ao zelo, bem como, de momentos para brincadeiras e descontração.

É neste cenário que a profissão do professor tem exigido, alguns requisitos básicos: domínio das áreas do conhecimento do currículo escolar; conhecer os alunos, suas vidas, histórias e cultura; conhecer como ele aprende e como este processa a aprendizagem; observar de forma planejada para entender a diversidade cultural usando isso como recurso nas relações entre professor/aluno; além de criar

espaços de trocas de experiências, sob a luz da prática interdisciplinar. Aos alunos cabe construir suas aprendizagens a partir do meio e das ambiências que vivem, com e além da escola.

Freire (1996) faz uma relação da prática educativa e uma reflexão sobre a atitude dos educadores. O comprometimento exige esforço, moralidade e afetividade.

[...] Como professor, tanto lido com minha liberdade quanto com minha autoridade em exercício, mas também diretamente com a liberdade dos educandos, que devo respeitar, e com a criação de sua autonomia bem como com os ensaios de construção de autoridade dos educandos. Como professor não me é possível ajudar o educando a superar sua ignorância se não supero permanentemente a minha. Não posso ensinar o que não sei. [...] (FREIRE, 1996, p.37).

Para o autor, o professor que desrespeita a curiosidade do educando, seu gosto estético, sua linguagem, sua sintaxe e prosódia, que ironiza o aluno, que o minimiza entre outras ofensas em prol da ordem em sala de aula, que transgride os princípios fundamentais éticos da existência jamais poderá ser visto ou entendido como uma virtude, mas como ruptura com a docência. Em Freire (1996), o ato de educar exige segurança, competência profissional, comprometimento, amor e generosidade.

A construção de um saber junto ao educando depende da relevância que o educador dá ao contexto social, pois ensinar como ressalta o autor em questão “não é transferir conhecimento”, e sim, criar as possibilidades para sua própria construção. É necessário mostrar e possibilitar ao aluno a oportunidade de produzir conhecimento. É neste momento que nasce o papel do pesquisador.

Vive-se em uma “sociedade líquida”, termo cunhado por Bauman (2004), que expressa que os objetivos são vulneráveis às próprias ações humanas, mutáveis de acordo com as situações e mais líquidas, ainda, em relação aos contatos e sentimentos. Num momento histórico que acontecem diálogos e monólogos, relacionamentos virtuais, amizades tecladas e prazeres conectados, também se pode identificar a sociedade líquida.

E assim é numa cultura consumista como a nossa, que favorece o produto pronto para uso imediato, o prazer passageiro, a satisfação instantânea, resultados que não exijam esforços prolongados, receitas testadas, garantias de seguro total e evolução do dinheiro. A promessa de aprender a arte de amar é a oferta (falsa, enganosa, mas que se deseja ardentemente

que seja verdadeira) de construir a “experiência amorosa” à semelhança de outras mercadorias, que fascinam e seduzem exibindo todas essas características e prometem desejo sem ansiedade, esforço sem suor e resultados sem esforço. (BAUMAN, 2004, p.11)

Bauman (2004), ao abordar as realidades líquidas ao qual se remete utilizar como uma das definições, afirma que as ações humanas podem, também, se caracterizar diante dos comportamentos dos educandos que, de acordo com a forma como são organizados e estipulados, são líquidos. Ou seja, não possuem idealizações predispostas, desejos humanos que saciem necessidades plausíveis e, sim, sentimentos momentâneos e genéricos transformados, vistos como necessidades absolutas. Num outro olhar é necessário ressaltar que embora o autor também saliente aspectos negativos desta sociedade líquida, este trabalho busca a convergência de pontos referenciais deste autor na relação com a cibercultura.

Elucida-se aqui que os alunos que frequentam atualmente as escolas são sujeitos não somente de uma geração atual, mas que também pertencem a uma geração líquida, ou seja, não possui forma definida, nem um ideal de valores conservadores que define os princípios adotados como regra. É relevante pensar como o processo de aprendizagem e de ação didática age mediante este contexto para buscar aulas que sejam dinâmicas, com conteúdos relacionados e relevantes à vida.

Mediante esta sociedade líquida, está a sociedade como ciberespaço tratado por Lévy (1999) ou como local de troca, de interações, em que se insere a escola. Esse espaço cibernético é, também, ambiente em que ocorre o encontro destas gerações em que professores, alunos, gestão e sociedade estão interligados, buscando um bem de consenso que é o conhecimento.

Esse contexto social diversificado no qual a escola está inserida aguça informações, questionamentos e possibilidades de como tornar os processos de ensino e aprendizagem mais ricos e com foco no conhecimento. Assim, Silva (2008, p. 35), apresenta a ideia de que

A incorporação de novas tecnologias à escola exige que professor e aluno saibam o que fazer com elas, para que adquiram sentido nas práticas realizadas em aula e possam efetivamente contribuir para que a aprendizagem, isso porque a maioria das tecnologias educativas não garante a atividade do aluno. Assim, o que pode parecer novo, na verdade, representa um retorno ao método tradicional, condenado por inúmeras razões, uma delas a passividade do aluno, tratado como receptor, tábula

rasa. (SILVA, 2008, p. 35)

O autor afirma, que sem diálogo entre alunos, professores, conhecimento e tecnologia, ocorre um processo em que o meio tecnológico não terá um fim em si mesmo. Será utilizado apenas como algo para fazer diferente o que já era feito.

Diante das questões expostas, torna-se relevante descrever o foco que emerge este estudo que tem como objetivo central perceber sob o olhar do aluno e do professor, em que medida a ação pedagógica leva em consideração a ambiência com as tecnologias e como elas podem auxiliar na aprendizagem.

Sendo a ambiência vista do ponto de vista em que o ser utiliza os meios tecnológicos cotidianamente, e os mesmos permeiam suas ações, sejam de comunicação, pesquisa, trabalho, praticidades diárias. Ser ambientado por tanto é manusear as tecnologias tendo-as como ações comuns no cotidiano. Vale ressaltar que estar ambientado com as tecnologias é fazer uso das mesmas, mas não quer dizer que elas sejam utilizadas de forma construtiva, e sim a afirmação de que elas são de uso comum.

Em meio a definição deste foco, há aspectos que tencionam esta pesquisa e que é necessário evidenciar como plano específico, o que estão presentes nos objetivos de analisar os pressupostos teóricos da Informática na Educação em relação às tecnologias, de compreender as possibilidades didáticas que o docente dispõe em sua aula em relação às tecnologias e às tecnologias digitais e, por fim, verificar como e se os alunos e os professores percebem a prática pedagógica através das tecnologias, bem como, quais estão presentes em relação ao contexto cibercultural, já que em sua grande maioria estes estão inseridos neste meio e ambientados com a mesma.

Tais objetivos justificam-se a partir do contexto atual como proposta de investigar a ação pedagógica do professor que está em ambiente tanto social, como profissionalmente, no contexto cibercultural, podendo relacionar essa prática docente com a ambiência do aluno nas tecnologias. Nesse sentido, é necessário visualizar como a prática docente pode ser familiarizada com a realidade social e da geração de alunos que, atualmente, fazem parte do contexto escolar.

Considera-se importante uma reflexão sobre a prática docente nesta conjuntura vinculada ao propósito de perceber, sob o olhar do aluno e dos próprios professores, em que medida a ação pedagógica leva em consideração a ambiência

com as tecnologias, que é uma realidade da qual se instala no contexto vivido. Tornaghi (2005, p. 1), considera que “escola faz tecnologia, tecnologia faz escola”, ou seja, uma interação com a outra e aperfeiçoa o processo vital na educação, que é a aprendizagem.

É necessário enfatizar que ao referenciar sobre o aluno possuir ambiência com as tecnologias, não estamos afirmando que o mesmo tem domínio cultural e de conhecimento sobre as tecnologias, mas sim, que faz parte da vida e das relações dos sujeitos da atualidade, aspecto este que será tratado com mais evidência na análise, no capítulo 3.

Ampliando o foco desta pesquisa salienta-se que o presente estudo se constitui após realização de pesquisa do estado do conhecimento de acordo com dados obtidos tendo como fonte o IBICT (Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia) os resultados analisados condizem ao período de 10 anos (2003 a 2013). Nestas foram encontradas 57 dissertações que possuem relação com o tema Cibercultura e apenas cinco teses sobre este tema. Já o termo “ambiência nas tecnologias” possui nove dissertações e destas apenas duas relacionadas com a educação, e em teses nenhuma apresenta o descritor ambiência tecnológica. Portanto, entendeu-se ser relevante desenvolver uma pesquisa que envolvesse o espaço cibercultural, que é o momento do qual se vive, com o convite natural para a ambiência nas tecnologias, relacionando estas ao espaço escola.

Partiu-se do pressuposto que as tecnologias não são únicas e absolutas das vivências escolares, mas sim de buscar dados e qualificá-los ao ponto em que estão presentes no cotidiano. A escola está inserida neste contexto, os alunos, na sua maioria, são familiarizados com os aparelhos tecnológicos. Porém, em qual ponto alunos e professores referenciam a utilização desta ambiência como um fator relevante de aprendizagem? “A tecnologia é a sociedade, e a sociedade não pode ser entendida ou representada sem suas ferramentas tecnológicas.” (CASTELLS, 1999, p.43).

Trata-se de uma análise das tecnologias que os alunos têm ambiência, além de refletir sobre quais delas o professor usa na sala de aula e se são consideradas relevantes como uma ferramenta pedagógica, tanto no olhar do professor, como do aluno, capaz de fortalecer a aprendizagem. Entende-se que esta geração está conectada e busca interagir com o meio social, em espaços físicos ou distantes nos quais constitui as suas relações. É relevante que os professores possam refletir

sobre as possibilidades de aulas que as tecnologias lhes oferecem para se aproximar dos alunos e, por conta disso, ampliarem suas possibilidades de aprendizagem. Numa sociedade em que há uma realidade líquida, mutável e dinâmica, cabe à educação escolar compreender essas nuances para melhor viver e construir a prática educativa.

Nesse sentido, este estudo torna-se relevante enquanto atualidade, pois entende-se a tecnologia como meio e não como fim pedagógico. É o professor o grande articulador da aprendizagem e o possibilitador de novos espaços através de situações tecnológicas em que o fim é o conhecimento. Cabe ao professor convidar o aluno a aprender e a construir um novo horizonte de saberes no grande “sabor” que é a escola, usando de ferramentas para cativar o aluno, sendo que o objetivo das tecnologias é oportunizar novas ferramentas que possibilitem maneiras de inovar. O diálogo entre ensino e tecnologia possibilita a educação evolutiva, enquanto mudança, em que caminham juntas a educação e a tecnologia.

(...) não basta estar na frente de uma tela, munido de todas as interfaces amigáveis que se possa pensar, para superar uma situação de inferioridade. É preciso, antes de mais nada, estar em condições de participar ativamente dos processos de inteligência coletiva que representam o principal interesse do ciberespaço (LÉVY, 1999. p.238)

A eminência das tecnologias na educação vem ocorrendo através das chamadas Tecnologias Digitais (TDs) e nas Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs). Tem sua origem ao que a palavra **digital** deriva de dígito, que por sua vez procede do latim *digitus*, significando dedo. As tecnologias digitais podem ser definidas pelas palavras de Masetto,

Por novas tecnologias em educação, estamos entendendo o uso da informática, do computador, da internet, do CD-ROM, da hipermídia, da multimídia, de ferramentas para educação a distância – como chats, grupos ou listas de discussão, correio eletrônico etc. – e de outros recursos de linguagens digitais de que atualmente dispomos e que podem colaborar significativamente para tornar o processo de educação mais eficiente e mais eficaz. (MASETTO, 2000, p. 152).

Em ambas, muito mais do que aprendizados e ensinamentos, estas geram diálogos e podem promover oportunidades como mediação entre ensino e aprendizagem, quando propostos a partir da construção de uma metodologia dinâmica, participativa e interativa.

Parte-se do pressuposto de que as salas de aula vem exigindo novas observações, já que é questionável um grupo de pessoas estáticas que apenas ouvem enquanto outro ser, tido como “o professor”, expressa o conhecimento como um compromisso de valores transmitidos porque o educando necessita ser sujeito ativo na construção dos conhecimentos e aprendizagens.

E com a perspectiva de esclarecer sobre o espaço ao qual estamos inseridos e para compreender as reflexões diante das considerações pautadas, no capítulo um apresentam-se os aspectos históricos e políticas de desenvolvimento da Informática na Educação, um recorte sobre o processo de inserção das tecnologias na educação, abordagem das políticas de inclusão digital e políticas públicas de emancipação, além da apresentação da inserção das tecnologias no espaço escolar, formação e prática pedagógica nos desafios da cibercultura, além de apresentar o espaço cibercultural e as características deste.

No segundo capítulo serão abordados referenciais teóricos sobre as nuances de uma prática pedagógica na cibercultura. Para contemplar estes aspectos apresenta-se uma relação entre o espaço vivenciado, denominado como cibercultura e alinhavado à prática pedagógica, o qual busca uma análise reflexiva do tempo que se vive. Outros fatos são as necessidades que este aponta relacionado a imersão deste seres ciberculturais dos quais acredita-se que na grande maioria são ambientalizados com as tecnologias e a prática pedagógica que busca incluir esta geração no espaço escolar, com a finalidade maior do conhecimento. Para tal evidencia-se que a prática pedagógica pode usufruir das perspectivas interativas em colaborar para que os alunos sejam autores do seu processo de aprendizagem. Nesta perspectiva fundamenta-se a possibilidade do aluno atuar enquanto participante e autor do seu processo.

Na sequência nomenclaturado como Análise dos dados, segue o capítulo três, no qual compreende-se a realidade do espaço pesquisado, e a relação de como sucedeu-se a presente coleta de dados, apresentado como “as vivências da pesquisadora”. Neste espaço serão descrito os caminhos seguidos desde o primeiro contato até o recebimento dos questionários respondidos. No que segue neste capítulo são apresentadas as análises e categorias que qualificam a presente pesquisa, após elaboração do questionário, sendo este pensado na relação das

respostas de alunos e professores, podendo relacionar a mesma buscando perceber a relação entre os pontos de vista dos educandos e educadores.

Para concretizar a relação enfatiza-se na primeira categoria o pensamento dos alunos e professores referente a crença de que a geração que está imersa no espaço escolar é uma geração que possui contato com as tecnologias. Busca-se, assim, perceber se os envolvidos na pesquisa relacionam as vivências atuais com a ambiência tecnológica dos alunos. A partir disso, elaborou-se na categoria seguinte a relação desta ambiência com a inserção tecnológica como ferramenta de ensino presente na sala de aula.

Pensando na possibilidade de tornar o ensino uma parceria entre professor, metodologia e alunos na terceira categoria apresenta-se as possibilidades que os educandos evidenciam desejar como preferências e sugestões com o intuito de tornar o conhecimento mais plausível e acessível buscando integrar informações, interação, socialização e aplicabilidade dos conhecimentos construídos. E para finalizar as categorias de análise apresenta-se as tecnologias no espaço escolar como uma possibilidade apreciada pelos educadores, que acreditam que as mesmas possam ser um aliado favorável à construção do conhecimento.

Nas “considerações finais e percursos futuros”, apresenta-se uma relação com os conhecimentos teóricos previamente abordados e as respostas apresentadas nos questionários, unindo isso, é realizada uma conexão para fundamentar com o intuito de compreender como dar-se-á o processo de aprendizagem no espaço cibercultural, e o nexos desta relação com a construção do conhecimento.

1 ASPECTOS HISTÓRICOS E POLÍTICAS DE DESENVOLVIMENTO DA INFORMÁTICA NA EDUCAÇÃO

O mundo está em constante mudanças. As informações são imediatas e os conhecimentos socialmente compartilhados. A sociedade atual está em tempos de cibercultura e o que significa isso? É um espaço de transbordamento do conhecimento, ou seja, muitas informações estão disponíveis, muitas opiniões expostas e as informações são de fácil e livre acesso.

Vale ressaltar que ao mesmo instante em que as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) são vistas como ferramentas da inclusão social enquanto política pública de inclusão digital, não se pode garantir de forma pautável que as tecnologias estão enquanto aparato, contribuindo na construção do conhecimento e não como uma receita de aprendizagem significativa. Sabe-se que, o aprendizado não se dá só e unicamente por um meio, mas sim por um processo de construção interação, motivação e desejo.

As políticas públicas orientam os programas sociais, nas quais são implantadas normativas de como e a que se destinam determinado projeto. As políticas são formas de expressar leis e normas em prol do cidadão, através de programas para atender a demanda da sociedade, buscando diretrizes para melhorar a qualidade de vida e harmonizar, socialmente determinadas necessidades partir da legislação. Desta forma, são programas que visam à emancipação humana e social. São caracterizadas, segundo Teixeira (2002, p.2); como:

Princípios norteadores de ação do poder público; regras e procedimentos para as relações entre poder público e sociedade, mediações entre atores da sociedade e do Estado. São, nesse caso, políticas explicitadas, sistematizadas ou formuladas em documentos (leis, programas, linhas de financiamentos) que orientam ações que normalmente envolvem aplicações de recursos públicos. Nem sempre porém, há compatibilidade entre as intervenções e declarações de vontade e as ações desenvolvidas. Devem ser consideradas também as “não-ações”, as omissões, como formas de manifestação de políticas, pois representam posições e orientações dos que ocupam cargos.

Tecnologia é definida por Lima Júnior (2005, p. 15) como “ um processo criativo através do qual o ser humano utiliza-se de recursos materiais e imateriais, ou os cria a partir do que está disponível na natureza e no seu contexto vivencial, a fim de encontrar respostas para os problemas de seu contexto, superando-os” e digital segundo Zanutto (2007) é originário da palavra em latim computare que significa

contar, calcular e afirmar que “a computação é tão antiga quanto o homem e a primeira ferramenta utilizada para computar foram os dedos das mãos. Por isso, utiliza-se o termo dígito – do latim digitus que significa dedo e é usado para indicar os signos básicos de um sistema de numeração” (Zanutto, 2007, p.43), ou seja, são tecnologias de contato e toque, como celulares, computadores, revistas que podem ser acessadas virtualmente.

A partir dos termos da tecnologia permeados no decorrer histórico da humanidade, Castells (1999) alega que:

Segundo os historiadores, houve pelo menos duas revoluções industriais: a primeira iniciou-se pouco antes dos últimos trinta anos do século XVIII e a segunda, cerca de cem anos depois, cujo destaque é para o desenvolvimento da eletricidade e do motor de combustão interna. Nesses dois momentos, fica claro um período de rápidas transformações tecnológicas e sem precedentes. “Um conjunto de macroinvenções preparou o terreno para o surgimento de microinvenções nos campos da agropecuária, indústria e tecnologia” (CASTELLS, 1999, p. 71).

Findando a década de 1960, buscou-se por meio do uso da tecnologia educacional, induzir o espaço escolar a um funcionamento racional, de forma a permitir a formação de mão de obra adequada para a situação da época que favorecia o estado de industrialização ao qual se encontrava o país. De acordo com Valente (1993, p. 116), “ O uso da informática em educação não significa a soma de informática e educação, mas a integração destas duas áreas. Para haver integração é necessário o domínio dos assuntos que estão sendo integrados”.

1.1 A prática educativa no Contexto Digital

Por parte das políticas públicas, faz-se necessário considerar o processo de inclusão como uma das chaves possíveis para a emancipação intelectual dos seres. O ato ou efeito de incluir, é a ação de promover a inclusão, participação e a oportunidade de dar espaço à exclusão, que tem sua raiz e respaldo na vida socioeconômica. De acordo com SASSAKI (2002), o termo de inclusão também pode ser visto como:

Adequar os sistemas sociais gerais da sociedade de tal modo que sejam eliminados os fatores que excluíaam certas pessoas do seu seio e mantinham afastadas aquelas que eram excluídas. A eliminação de tais fatores deve ser um processo contínuo e concomitante com o esforço que a

Sociedade deve empreender no sentido de acolher todas as pessoas, independentemente de suas diferenças na diversidade humana. (SASSAKI, 2002, p.21)

E o que inclusão ou exclusão social tem haver como tecnologias digitais? Tudo, seria simplesmente a resposta, se não fosse o fato de que da mesma forma que a falta de oportunidade bloqueia o aluno mediante a ação social, não possuir políticas públicas ativas de inclusão digital nega um direito de acesso à inovação.

As políticas públicas visam, como as demandas sociais de melhoria da qualidade de vida, a inserção ao mundo de forma menos desigual, oportunizando aos menos favorecidos economicamente igualdade de acesso às informações disponíveis em rede. E a informática educativa no Brasil teve a inserção tecnológica na escola teve seu pontapé inicial aprovado em 1997, apresentado como a proposta do Programa Nacional de Informática na Educação (Proinfo), que é considerada a principal ação do país para introduzir as tecnologias de rede na escola pública. Teixeira (2010, p.53) define o Proinfo “figurando como a principal política pública no que se refere à informática educativa como processo de fornecimento de acesso e formação docente”. A informática na educação pauta-se no princípio de possibilitar o uso de informações como construção do conhecimento e apropriação de condições sociais de interação.

Inclusão digital pode ser considerada “alfabetização digital”. É a aprendizagem necessária ao indivíduo para interagir no mundo das mídias digitais, podendo não apenas saber onde encontrar a informação, mas também qualificá-la e torná-la útil para seu dia a dia. Estamos falando, então, de agregar às habilidades fundamentais e imprescindíveis de ler e escrever aquelas de lidar com a mídia eletrônica –conectar-se em rede, realizar pesquisas, executar tarefas rotineiras por computador (pagar contas, por exemplo) etc.(IBICT, 2006, p.97).

Constata-se mais uma vez, que a política de inclusão digital propicia oportunidades de um letramento digital útil à vida dos educandos. O objetivo do letramento é tornar a leitura algo aplicável e socialmente útil à vida social, bem como afirma Soares “o letramento abre caminhos para o indivíduo estabelecer conhecimentos do mundo em que vive” (SOARES, 2004, p. 15), portanto, letrar digitalmente não foge à premissa de que corresponde a um ato de possibilitar a emancipação social do educando mediante aos desafios e oportunidades de vida que tem e virá a ter.

Uma das alternativas difundidas nesta pesquisa como ponto de aplicabilidade cotidiana e respaldo cognitivo, sugere-se a interligação das práticas de letramento com as tecnologias, bastante conhecidas nas discussões de tecnologias na educação as TICs – Tecnologias da Informação e Comunicação, representam uma ideia de interação, movimento de dinamicidade, autonomia e ação social. Pois acreditando que sem perder as bases de aprendizagem as práticas diárias podem transitar de acordo com as dinâmicas da escola e dos que presenciam a mesma.

Tendo as TIC's como propósitos de informação que é a base para a construção do conhecimento e a comunicação que visa difundir o que se acresce com os estudos, os autores Almeida e Valente (2012) trazem incorporada a TIC o digital reestruturando a nomenclatura para TDIC (Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação), que afirmam “a presença das TDIC em nossa cultura cria novas possibilidades de expressão e comunicação, gerando outros campos de estudos e de pesquisa, antes inexistentes (ALMEIDA; VALENTE, 2012, p.64). Os autores também evidenciam que “ as TDIC propiciam a reconfiguração da prática pedagógica, a abertura e plasticidade do currículo e o exercício da coautoria de professores e alunos” (2012, p.60). Aspectos estes que visam agregar á prática docente meios para tornar a aula mais participativa e interativa, visualizando assim novas possibilidades de atuação docente no tangente de criar e fazer de forma diferente, possibilitando assim a construção de uma educação na qual a tecnologia digital esteja presente, possibilitando ao aluno a perspectiva de uma pedagogia participativa, na qual ocorra diálogo entre conhecimento e os envolvidos na sua construção.

As TDIC's vem com o intuito de trazer uma relação da informação e sua difusão para o mundo de uma forma digital, ou seja, oportunizar ao “online” a disseminação dos conhecimentos construídos, proporcionando livre acesso às informações. É vital ressaltar neste ponto que estar disponível e com acesso facilitado não assegura qualidade e conhecimento, pois nem toda informação é construtiva, a seleção dos conteúdos realizada pelos educadores é que fará o diferencial no ambiente escolar.

Cogitando a perspectiva de letrar-se para a construção da autonomia e aplicabilidade social, Soares (2002) contextualiza a influência das tecnologias na questão do letramento digital como uma apropriação de aprendizados congruentes a vida social do educando. A fluência tecnológica aproxima-se do conceito de

letramento no sentido de que a utilização social das tecnologias digitais implica em localizar, selecionar, avaliar criticamente e atribuir significados, a partir da utilização de diferentes tecnologias, mídias e linguagens.

Valente (2005) atribui às Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação, a apropriação da utilização de diversas tecnologias como o vídeo, a TV digital, a imagem, o DVD, o celular, o Ipod, os jogos, as realidade virtual, estas intituladas como novas tecnologias.

A utilização da tecnologia digital como elemento de telecomunicação, atribui à internet não apenas o papel de recurso de navegação, como também aspectos de interação humana e do conhecimento.

Carr (2011), em sua teoria aborda a questão de como as pessoas estão ficando alienadas devido ao uso demasiado da tecnologia e em especial da navegação. Em um de seus escritos aborda que “a mente linear, calma, focada, sem distrações, está sendo expulsa por um novo tipo de mente que quer e precisa tornar e aquinhoar informação em surtos curtos, desconexos, frequentemente sobrepostos” (CARR, 2011, p. 23), fato que vem ao encontro de Bauman (2004), quando fala que vivenciamos momentos líquidos e inconstantes, que as relações são momentâneas e a satisfação passa a ser vulnerável.

E nesses tempos de cibercultura, em que grande parte dos seres humanos estão inseridos na sociedade digital, na sociedade do fácil acesso à rede, muitas ações mudam, bem o simples fato dos dados estarem em um sistema que pode ser acessado em diversos locais do mundo. Considera-se que as tecnologias estão presentes no contexto social como um todo, e, o que não significa que há apenas informações positivas e úteis livremente publicadas e também não afirma que possuir ambiência com as tecnologias signifique fazer bom uso ou uso construtivo com as mesmas.

E muito de bom há neste contexto tecnológico, a necessidade suposta é que seja realizado o paralelo entre o que é saudável ou não nelas e a quantidade com que influenciam nas relações. Pois as mesmas podem vir a agregar tanto social, pessoal como profissionalmente.

Neste contexto, Levy (1999) apresenta o conceito relacionado ao ciberespaço, visto como rede, ou seja, um meio de comunicação de interligação, facilitadamente como espaço que conecta mais do que uma rede de conexão ou rede tecnológica. A união da formação e cibercultura se apresenta a partir do

pressuposto que, cibercultura existe para abrilhantar a prática docente que deriva de uma formação docente e ambas necessitam de um ambiente que favoreça a sua existência.

O fato das informações estarem socialmente direcionadas à oportunidade de construir conhecimentos a partir delas, também inova a educação, os alunos, os professores. Tudo isso é formado pela prática pedagógica que deriva de uma formação docente. Nóvoa (2002) apresenta a formação enquanto: “um investimento pessoal, um trabalho livre e criativo sobre os percursos e projetos próprios, com vista à construção de uma identidade, que é também uma identidade profissional”. (NÓVOA, 2002, p. 38 e 39).

A pessoa que ensina em escola, universidade ou noutro estabelecimento de ensino é o docente. Entende-se a formação de professores enquanto uma atividade de ensinar, aquele que guia partindo da sua formação. Bem esclarece SCHEID et al. (2009), ao referenciar que “a escola de hoje está inserida num contexto de mudanças e exige um profissional com atitude investigativa para lidar com as situações desconhecidas”.

É perceptível aos olhos de observador que os desafios do professor aparecem diariamente e modificam-se na mesma velocidade que a sociedade transforma-se. Novas formas de ver o mundo chegam às escolas e os professores neste contexto muitas vezes sentem-se acuados. Acredita-se que a formação de qualidade é uma base indissociável do sucesso educativo, mas como a sociedade está constantemente sendo transformada e como citado os desafios chegam a escola, é preciso que os docentes tenham bases concretas e reflexivas para atuar, possuindo assim o domínio indispensável do que ensina, que é o conhecimento. Que de acordo com Teixeira (2010)

O conhecimento, por sua vez, fundamental para o desenvolvimento humano e social, demanda reflexão individual e coletiva, contextualização, formação e troca de sentidos, elementos fundamentais ao processo de aprendizagem, que possibilitam que essas informações contribuam efetivamente para a construção de conhecimento. (TEIXEIRA, 2010, p.26)

Pensa-se então que para ocorrer uma educação de qualidade com professores seguros quanto sua prática e cientes de que novas formas de pensar são necessárias, é preciso que ocorra formação continuada vista como aspecto insubstituível do percurso de docente na busca constante pelo conhecimento. Pois

constantemente pensa-se que é necessário momentos para refletir, ler, ouvir novas perspectivas de ensino, desafios diferentes dos seus. Reflexões sobre possibilidades e anseios. O professor como humano não é dotado de saberes únicos e sólidos, mudanças ocorrem na sociedade, no aluno, no contexto e também pensa-se que elas devem ocorrer dentro da sala de aula, que acompanhada de formação e preparação irá ser recebida sob um olhar de possibilidade enquanto nova forma de pensar e ver a educação como construção.

Diante da realidade social posta, pode-se dizer que a utilização das tecnologias, é geralmente permeada por utilização dos aparatos tecnológicos que possibilitam novas formas de comunicação, podendo integrar a interatividade, instigando para a pesquisa relacionada a partir da realidade vivenciada. É preciso considerar que tais questões chegaram também, na relação entre professor, aluno e aprendizagem. Posto isto, salienta-se que o ambiente escolar é integrante desta sociedade que emerge da utilização das TDs de forma que os processos educativos não se dissociam das relações vivenciadas externamente ao ambiente escolar.

O educador, ciente deste contexto de inovar as práticas educativas, atua em prol de modificar estruturas preestabelecidas e que não mais suprem por si só o processo de ensino-aprendizagem. Por isso, o educador atua estimulando a criatividade, a autonomia e partindo das ideias de que os conhecimentos dos alunos são úteis e colaborativos, atuando como troca de experiências e informações.

É preciso trabalhar no sentido da diversificação dos modelos e das práticas de formação, instituindo novas relações dos professores com o saber pedagógico e científico. A formação passa pela experimentação, pela inovação, pelo ensaio de novos modos de trabalho pedagógico. E por uma reflexão crítica sobre a sua utilização. A formação passa por processos de investigação diretamente articulados com as práticas educativas. (NÓVOA, 1995, p, 28.)

Quanto ao professor, cabe a necessidade de rever sua ação e investigar maneiras inovadoras de trabalho entre o conteúdo e a aprendizagem, em que conscientemente una seus conhecimentos com os dos alunos. Tal prática deve ir além de uma atitude passiva de reprodução dos conhecimentos, bem como autonomia no processo de aprendizagem. Isso pode atuar favoravelmente com a inserção das TICs às atividades escolares, envolvendo a participação social dos alunos e professores, para que possam usufruir dos benefícios da inclusão digital e

acesso às novas tecnologias quando colocadas de forma favorável à aprendizagem. Nesse sentido, vem agregar a consideração de Freire (1995, p. 98):

Penso que a educação não é redutível à técnica, mas não se faz educação sem ela. Não é possível, a meu ver, começar um novo século sem terminar este. Acho que o uso de computadores no processo de ensino/aprendizagem, em lugar de reduzir, pode expandir a capacidade crítica e criativa de nossos meninos e meninas. Depende de quem o usa, a favor de quê e de quem, e para quê. Já colocamos o essencial nas escolas; agora podemos pensar em colocar computadores. (FREIRE, 2000, p.98).

Para que estas tecnologias que estão no ambiente escolar e no cotidiano sejam um instrumento favorável na educação, é preciso que haja diálogo entre educador, prática pedagógica e o aparato tecnológico. Assim as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) são uma opção de aula interativa, em que de fato o meio tecnológico faça parte do planejamento de aula. Isso não significa simplesmente utilizar o aparelho eletrônico em seu planejamento, é preciso saber manuseá-lo a favor das aulas. Muito mais do que isso é o professor em sala de aula que pode oportunizar seus alunos a utilizem, trazendo para o espaço escolar uma pedagogia da parceria que Cerutti e Giraffa (2015), destacam que nesta possibilidade:

Muda esse foco de exposição e o professor assume um papel de guia, que implica levar os alunos a uma viagem, como se fosse o treinador de um indivíduo, o que permitirá uma educação mais personalizada e diferenciada, na qual o professor monitora o trabalho e o progresso de cada um a partir de seus interesses, conjugados com os conteúdos a serem ensinados. (CERUTTI e GIRAFFA, 2015, p. 36).

Nesta perspectiva de ensino o aluno atua na construção da aula e não somente como “receptor”. Ele contribui à uma perspectiva de interação com os conteúdos, considerando a concepção que têm-se em que a utilização do aparato tecnológico não é utilizá-lo e apresentá-lo como um fim em si mesmo, mas sim como um meio de comunicação entre o conteúdo e a mediação do educador para ocorrer a aprendizagem. Kenski (2001), afirma que

O espaço virtual é um canal interativo de múltiplas aprendizagens e a interação, a cooperação e a colaboração on line, são indispensáveis para que não se percam os fins educativos deste espaço virtual. As redes possibilitam que mesmo em lugares distantes, estejamos próximos, não apenas em relação a outro usuário, mas com relação a sons, imagens tridimensionais, vídeos entre outros.

Entende-se a partir desta reflexão, que somente a tecnologia estar disponível de fato não é a solução. É necessário muito mais. E qual é a principal relação que deve haver antes e durante os processos de aprendizagem, sejam eles, com tecnologias ou não? As relações humanas. Elas é que movem os seres. E para esse movimento, que pode ser denominado de motivação, um aspecto fundamental para a mudança dentro das práticas educativas é a inovação, que compreendida como a introdução de “algo novo”. Sáenz e García Capote (2002, p.69) defendem a ideia de que o “processo de inovação é a integração de conhecimentos novos e de outros existentes para criar produtos, processos, sistemas ou serviços novos ou melhorados”. Compreende-se neste sentido que elas vem com a potencialidade de trazer algo diferente, não assegurando que a inovação venha a ser melhor ou pior, mas sim uma nova forma de ver e utilizar algo.

Estando as inovações presentes no cotidiano escolar, visto da quantidade considerável de alunos ambientalizados com o uso de tecnologias, destaca-se um novo desafio no espaço escolar e com isso a incógnita de onde os professores buscam suas bases para utilizar das tecnologias enquanto meios de ensinar? Relacionado à formação, Nóvoa (1999, p. 6) salienta que:

É verdade que existe, no espaço universitário, uma retórica de “inovação”, de “mudança”, de “professor reflexivo”, de “investigação acção”, etc.; mas a Universidade é uma instituição conservadora, e acaba sempre por reproduzir dicotomias como teoria/prática, conhecimento/acção, etc. A ligação da Universidade ao terreno (curiosa metáfora!) leva a que os investigadores fiquem a saber o que os professores sabem, e não conduz a que os professores fiquem a saber melhor aquilo que já sabem.

Nóvoa (1999) esboça em relação ao que a educação idealiza enquanto desejo de formação, para tal a formação de professores, de acordo com o autor é um espaço para formação de reflexividade e investigação que leva à ação. Porém, coloca de forma clara e consistente a ideia de que as universidades já possuem um molde de formação de educadores, uma educação conservadora, que não pauta a inovação ou idealiza um vir a ser.

O educador constrói-se retoricamente ao processo do qual está inserido. A formação docente, bem como a ação pedagógica do graduado são respaldos não somente de uma formação centrada na universidade, mas também de uma

constituição enquanto ser humano, de heranças culturais e sociais ao qual foi e está inserido.

A formação de educadores para Pimenta e Anastasiou passa por:

(...) uma identidade profissional se constrói, pois, com base na significação social da profissão; na revisão constante dos significados sociais da profissão; na revisão das tradições. Mas também com base na reafirmação de práticas consagradas culturalmente que permanecem significativas. (...) Constrói-se, também, pelo significado que cada professor, enquanto ator e autor, confere a atividade docente em seu cotidiano, em seu modo de situar-se no mundo, em sua história de vida, em suas representações, em seus saberes, em suas angústias e anseios, no sentido que tem em sua vida o ser professor. (PIMENTA E ANASTASIOU 2002, p.77)

Tais autoras acima citadas, partem à reflexão de uma formação profissional que insere o momento em que se vive, o momento em que se está como pressuposto de ações significativas. Desta forma, o educador em formação, ator e autor do seu processo profissional e acadêmico, não deixando de lado o que é, como age, os saberes que domina, os anseios e as dúvidas de sua profissão. Portanto, o educador é um agente das suas atividades, que vai à universidade não tão somente em busca de formação profissional, mas que também enfrenta a diversidade das suas angústias, os desejos de suas inspirações e a realidade de sua atuação, ou seja, que reforça a ideia de um ator e autor da sua prática.

É necessária uma reflexão sobre as tecnologias no espaço escolar, da formação inicial do educador à sua prática. A formação remete ao educador enquanto aquele que teve ou tem a oportunidade de prepara-se para o exercício docente, seja ela como uma formação inicial a nível de Normal ou àquele que cursou ou cursa graduação e julga-se que o preparatório inicial para a ação docente encontra-se neste ponto de partida. Em momento algum da vida humana julgam-se formados ou completos. A formação enquanto leque para as angústias e desejos de formação continuada em que educador defronta-se com a necessidade de mais, do novo, de inovar.

No sentido de inovação, que acarreta a mudança, o fazer diferenciado, utilizar os meios tecnológicos, requer também, renovar enquanto ação, na possibilidade de fazer uma aula com diferencial, trazendo os conteúdos predeterminados de uma ação inovadora. Pode-se dizer então que, o que há em termos de aparatos modernos neste início de Século, incluem-se às tecnologias digitais (TDs), conhecidas como aquelas em que ocorre o contato para então possibilitar a

interação. Entretanto, estas estão sendo e fazendo parte da formação docente? Os graduandos das licenciaturas têm acesso a esses aparatos? Caso possuem acesso, contam com suporte para uso e manuseio por parte da escola?

O fato de estar inserido em uma sociedade cibercultural deixa cada vez mais a mercê das mudanças, pois não bastam mais os mesmos métodos para atender uma sociedade totalmente diferente, com alunos que seguem e criam a partir das oportunidades que possuem.

Em todo esse processo humano e de sociedade existe hoje um diferencial enquanto ferramenta pedagógica, que são as TDICs. Estas que, como o próprio nome menciona, são tecnologias da informação e comunicação, pois a partir do momento em que se acessa o material disponível em rede (informação), tem-se a oportunidade de transformar este em conhecimento, após esse processo de acessar a informação.

É necessário utilizar as TIDCs em prol dos aprendizados como uma maneira interativa, no qual entram as tecnologias digitais, muito utilizadas hoje. Após esse processo de assimilação e construção do conhecimento, socializa-se em rede, proporcionando novas oportunidades de pessoas acessarem enquanto informação e realizarem a construção de novos conhecimentos.

O educador que está mediante este processo de construção e socialização do conhecimento, tem a oportunidade de gerar novos aprendizados, de forma a atender as demandas sociais e humanas mencionadas no início. Isso significa que realiza um processo de emancipação social e intelectual a partir da sua própria vivência.

Cerutti e Giraffa (2014) apresentam a ideia das TICs enquanto espaços de inovações tecnológicas se somadas à aula elaborada, com fins para construção de conhecimento. Em algumas áreas nota-se que determinadas tecnologias possuem mais efeito. A mesma autora referencia como exemplo, a pesquisa na Internet sobre os animais e seu habitat nas aulas de ciência. Requer que o professor conheça as diferentes ferramentas e analise em quais conteúdos terão maior eficácia.

Com o objetivo de elucidar tais questões, observa-se a seguir o conceito apresentado por Fagundes e Hoffman, sobre o assunto das políticas públicas de inclusão digital.

Incluir digitalmente é possibilitar acesso as TICs e a Internet para que a tecnologia e a rede de computadores passem a fazer parte da realidade do indivíduo ou da instituição beneficiada. Entretanto, inclusão digital não pode

ser restrita a acesso: incluir é envolver, inserir e relacionar; é fazer parte, é causa e efeito; é possibilitar o acesso à informação bem como à produção de informação. (FAGUNDES, HOFFMAN, 2008, p.3.)

Assim sendo, é relevante considerar nas TICs a relação com as Tecnologias Digitais, tendo como pressuposto a construção do conhecimento e a inovação às propostas educacionais, e como afirma Almeida e Valente (2011), “implantar as TDIC nas escolas é um processo muito maior que simplesmente prover acesso à tecnologia e automatizar práticas educacionais. Elas devem “estar inseridas, integradas aos processos educacionais, agregando valor à atividade que o aluno ou o professor realiza” (ALMEIDA E VALENTE, 2011. p.74), proporcionando, assim, que as salas de aulas sejam ambientes de aprendizagem, com os quais o aluno pode acompanhar e desenvolver a construção do conhecimento, e o professor tenha oportunidade de realizar aulas que integrem participação, construção e aprendizado.

Tendo as TICs como algo emergente à sociedade, também é uma preocupação da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO-BRASIL), confirmando mais uma vez a ideia de que tecnologias devem estar a favor da educação, servindo ao processo educativo. A UNESCO em seu site principal apresenta através do documento, afirmando a ideia de que:

As TICs são apenas uma parte de um contínuo de tecnologias, a começar pelo giz e os livros, todos podendo apoiar e enriquecer a aprendizagem. Segundo, as TICs, como qualquer ferramenta, devem ser usadas e adaptadas para servir fins educacionais. Terceiro várias questões éticas e legais, como as vinculadas à propriedade do conhecimento, ao crescente tratamento da educação como uma mercadoria, à globalização da educação face à diversidade cultural, interferem no amplo uso das TICs na educação. Na busca de soluções a essas questões, a UNESCO coopera com o Ministério da Educação nos projetos Informática na Educação, com o objetivo de aplicar tecnologias de informação e comunicação no processo ensino-aprendizagem. (UNESCO - BRASIL, 2006, online).

As TICs se apresentam no mundo educacional como uma proposta de uma educação pautada pela inovação, atratividade, dinamicidade e criatividade. As aulas inovadoras, aparadas pelo uso dos meios tecnológicos favorecem a mediação entre o conteúdo, prática e aprendizado, acompanhadas da realidade atual dos educandos que estão acostumados com o uso das tecnologias digitais em seu cotidiano.

1.2 Desvendando o Ciberespaço

As reflexões que seguem, buscam discorrer sobre a compreensão do ciberespaço em relação às tecnologias digitais presentes no contexto atual. Integram pois, sociedade e conhecimento socialmente apresentados a partir da relação destes na construção do que é o ciberespaço.

Neste sentido, cita-se os conceitos de Lévy (1999), que traz na ideia de tecnologia, o resgate das formas variadas de utilização da mesma enquanto movimento social, visto que não era o manuseio de todos. O crescimento da comunicação baseada na Informática foi iniciado por um movimento de jovens metropolitanos cultos que veio à tona no final dos anos 80. O autor também contribui afirmando que a internet constitui o grande oceano do novo planeta e é alimentada por muitos rios e os conjuntos desta rede hidrográfica é que constitui o ciberespaço e é ela o seu principal símbolo e foi a partir das participações interativas e sociais que o ciberespaço se tornou algo vivo.

Cada um dos três espaços constitui uma condição necessária à existência do outro, pois não há comunidade virtual sem interconexões, então há inteligência coletiva em grande escala sem virtualização das comunidades. A intercomunicação condiciona a comunidade virtual, que é uma inteligência coletiva em potencial.

O autor questiona como o ciberespaço afeta o espaço urbano e considera que está diretamente relacionado às regiões metropolitanas. Por outro lado, o mesmo quando bem utilizado, contribui para que as regiões menos favorecidas desenvolvam-se. Lévy (1999, p. 186) enfatiza a ideia de que “(...) A verdadeira democracia eletrônica consiste em encorajar, tanto quanto possível – graças às possibilidades de comunicação interativa e coletiva oferecidas pelo ciberespaço (...)”.

Quanto à relação cidade e ciberespaço, o primeiro deles é a analogia feita entre as comunidades territoriais e virtuais. O raciocínio em termos de substituição; a assimilação do ciberespaço a um equipamento urbano ou territorial; a exploração dos diferentes tipos de articulação.

“(...) a organização do ciberespaço procede de uma forma particular do urbanismo ou da arquitetura”. “E “que” colocar a inteligência coletiva no posto de comando é escolher o novo a democracia, reatualizá-la por meio da exploração das potencialidades mais positivas dos novos sistemas de comunicação”. (LÉVY, 1999, p. 196).

No espaço denominado Ciberespaço cresce-se uma forma de visualizar e vivenciar situação que diferenciam-se no tempo de vida, criando sentidos diferenciados colaboram nesses ambientes, criando assim uma cultura diferenciada que é o elo de ligação entre as formas de vida exercidas no ciberespaço e as realidades criadas e alimentadas neste ambiente, esta cultura é denominada cibercultura, que RÜDIGER (2013) define como:

A palavra cibercultura emerge nesse contexto para dar conta dos fenômenos que nascem à volta das novíssimas tecnologias de comunicação, da chamada informática de comunicação ou mídia digital interativa. A comunicação humana, recordemos, é sempre interativa, mas caem os termos desta última quando ela deixa de ser imediata e passa a depender de outros meios que não a linguagem, quando, vindo por outro ângulo, se desenvolvem os meios materiais de comunicação. (RÜDIGER, 2013, p. 13)

De acordo com o citado acima, quanto à substituição, induz a ideia de que os novos instrumentos de trabalho cooperativo on-line permitem a participação na vida econômica internacional a partir de sua própria casa ou centros locais. O autor elenca vários benefícios desse processo de substituição da presença física pela virtual, entre as quais: desafogamentos dos centros urbanos e como consequência, a redução da poluição. Silva (2000), apresenta a ideia de interatividade, qualificando-a como a possibilidade de ultrapassar a condição de espectador passivo para a condição de sujeito operativo, assim podendo o sujeito ser autor do processo, ou seja, interagir com o meio.

O ciberespaço é um potente fator de desconcentração e deslocalização, mas que nem por isso elimina os centros, apenas modifica as formas como estes são colocados. Levanta a questão de que mesmo com muitos contatos e com os teletrabalhos, o que atrai às cidades são as relações humanas.

No quesito assimilação, Lévy (1999) ostenta que a assimilação tem interesses claros e que parte de uma questão tecnocrática político-administrativo. O ciberespaço está inserido às ideias de redes de comunicação e está elencado erroneamente ao ideário de "autoestrada da informação". Esta se apresenta como um comércio de produtos tecnológicos, errôneo pelo fato de que o ciberespaço não é um produto mercantil, mas uma ponte de interação.

Em relação à articulação que é a ideia defendida por Lévy, consiste em pensar dois espaços qualitativamente muito diferentes, o do território e o da inteligência coletiva. Sendo que aos olhares de articulação do espaço social e o virtual tem o propósito de não se substituir, mas sim buscar eliminar a lentidão dos processos. "Escolher a inteligência coletiva não requer apenas uma mudança de funcionamento da cidade ou da região e de suas instituições, implica também que se organizem funções do ciberespaço especialmente concebidas dentro dessa perspectiva (...)". (1999, p. 195)

A construção de conhecimento no mundo cibercultural é um grande desafio, tanto para os nativos aceitarem os ideários dos imigrantes e mais desafiador ainda, os imigrantes adentrarem a essa realidade em que precisam se inovar para dialogar com as tecnologias.

E onde entram as TICs nesse processo? Em particular, o uso da Internet e dos materiais digitais na vida cotidiana das pessoas, otimizam para que seja aguçado o interesse dos educadores, no sentido de utilizar múltiplas potencialidades dos recursos digitais no trabalho pedagógico, assim afirma Tardif que "ensinar é mobilizar uma ampla variedade de saberes, reutilizando-os no trabalho para adaptá-los e transformá-los pelo e para o trabalho" (TARDIF, 2002, p. 21), pensando assim uma prática docente construtiva e que busque como o autor cita adaptar de acordo com as necessidades, visando com o foco no ensino o bem coletivo.

É preciso considerar que se vive em uma sociedade que se localiza em nível mundial. O mesmo ocorre com a cibercultura que deriva de algo que a engloba, denominado Ciberespaço, sendo este, um mundo de informações investidas pelos que da tecnologia compartilham.

O termo [ciberespaço] especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informação que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo 'cibercultura', especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço (LÉVY, 1999, p. 17).

A partir deste pressuposto, compreende-se por Cibercultura, no contexto em que se vive, enquanto um lócus de comunicação digital em que insere ações e

atitudes aos processos, as relações virtuais, as aprendizagens, as produções e as trocas de conhecimentos que se instauram no cotidiano humano.

Neste sentido, a cibercultura é uma universalização das relações humanas de comunicação e produção do conhecimento. Os modos como às ações ocorrem ciberculturalmente e incorporam as vivências virtualizadas, em que as interações não superam as presenciais, mas permitem comunicação, elaboração e produção de conhecimentos e vivências sociais.

Passa a existir uma necessidade de se manter interligado ao outro, compartilhar ideias e particularidades, e para ocorrer está troca de forma saudável é preciso que ocorra construções coletivas, que globalmente denominam-se inteligência coletiva, esta, redige-se ao ponto de que a cibercultura é o universo no qual a tecnologia da informação está presente, ou seja, na inteligência coletiva, conhecimentos dinamizados em espaços de livre acesso e construção de aprendizados que são compartilhados virtualmente no qual os seres estão conectados e possuem livre acesso aos compartilhamentos alheios.

Pode-se dizer então, que a finalidade da Cibercultura é a propagação dos conhecimentos a todos de forma virtualizada, sem deixar de lado as relações virtualizadas e as interconexões que tornam as demais relevantes e ponderantes, mediante ao espaço que se vive.

A constatação de que a Cibercultura está em todos os espaços, através dos termos e conceitos de Lévy (1999), que traz esse assunto de forma acessível, com embasamento teórico, afirmando que a cibercultura é o meio que se vive. Ela existe a partir do pressuposto de que há um ciberespaço para abrilhantar, pois a mesma necessita de um ambiente que favoreça a sua existência.

A inteligência coletiva nesta percepção seria a aspiração mais profunda do movimento da cibercultura, cujo funcionamento só pode ser progressivo, integrador e participativo, uma vez que se não for, não se tratará de inteligência coletiva.

2 NUANCES DE UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA NA CIBERCULTURA

O propósito deste capítulo se refere a “nuances”, com a finalidade de abordar as Tecnologias enquanto ferramentas pedagógicas. São sugestões que familiarizam a relação educando com as atividades que tecem na vida diária, das quais o educador e a escola estão envolvidos, utilizando meios tecnológicos como recurso educativo.

Antes de fundamentar sobre o assunto tecnologias interligadas à educação, é importante dizer que não se busca suprimir o uso do quadro e do giz, mas sim inserir novas alternativas para a ação pedagógica do educador. A prática pedagógica não é substituída pelos meios eletrônicos, estes são apontados como uma possibilidade de melhorá-la, enquanto educação e processo de formação humana e social.

As novas tecnologias estão cada vez mais presentes, trazendo amplas oportunidades de produção individual e coletiva gerando a construção de conhecimento a partir das interações com seu meio, pois a aprendizagem vai sendo construída pelas interações, cooperações, acessos e trocas de informações que sempre fizeram parte das vivências da sociedade.

Atualmente, os dispositivos possibilitam as diferentes comunicações entre as pessoas e abrem novas possibilidades, principalmente, para os sujeitos que dominam a era digital. Esta tem como base uma linguagem inédita de grandes fenômenos para a universidade em que o acadêmico está inserido, pois são técnicas disponíveis que efetivamente revolucionam a forma de comunicação e de interação acadêmica. Lévy (2011) explica que os educadores devem imergir na cultura digital, para compreender o universo dos estudantes, explorando sua singularidade e dando mais espaço para que os mesmos participem ativamente do processo ensino-aprendizagem, o professor precisa capacitar-se nessas ferramentas, pois ele só poderá disponibilizar aquilo que por ele é dominado. A transformação desse conhecimento possibilita ao nativo digital tornar-se indivíduo criativo, colaborativo, com capacidade de se concentrar, planejar e realizar os projetos das disciplinas com êxito. Levy (1994, p.141) salienta:

[...] ao considerar um espaço dos conhecimentos no qual todos os indivíduos possuem zonas de competências, cada um pode se definir a partir de sua própria mestria. Essas zonas se tornam ilhas de confiança e servem de base para a exploração e a apropriação de novos conhecimentos. O indivíduo não é mais marcado a partir do que ele não

sabe, mas a partir do que ele sabe. Esse reconhecimento instaura uma dinâmica psicológica e social positiva a partir da qual o excluído pode definir um projeto de formação, primeiro passo em direção a inserção.

É evidente a necessidade de um maior envolvimento entre as áreas tecnológicas e educacionais. As multimídias interativas permitem uma exploração profunda diante da maneira de se apresentar, demonstrar e estruturar a informação apreendida.

Na sociedade contemporânea os avanços das TICs, trouxe uma grande mudança para os que vivem nela, não mais ignorando os conhecimentos adquiridos com esse benefício, seu uso tornou-se uma importante ferramenta pedagógica em sala de aula. As mídias na educação tem sido uma temática pouco usada para os cursos de formação inicial de professores e dessa maneira, o assunto tem gerado um grande debate nas Instituições de Ensino Superior (IES), devido a relevância deste recurso, tendo uma aprendizagem significativa a partir da produção do novo conhecimento.

Não basta introduzir as mídias na educação apenas para acompanhar o desenvolvimento tecnológico ou usá-las como forma de “passar o tempo”, é preciso pensar em sua preparação enquanto ferramental para que os professores tenham segurança tanto em manuseá-las quanto em saber utilizá-las de modo seguro e satisfatório, transformando-se em aliadas e de grande utilidade no ensino aprendizagem dos educando.

Nessa linha de pensamento Levy constata que:

[...] com as novas tecnologias, novas formas de aprender e novas competências são exigidas para realizar o trabalho pedagógico, e assim, é fundamental formar continuamente esse novo professor que vai atuar neste ambiente telemático em que a tecnologia será um mediador do processo ensino-aprendizagem. (1994, p.23).

A respeito das TICs destaca-se o uso do computador, uma ferramenta tão importante quanto o uso da internet, disponibilizando ao indivíduo sugestões, dinâmicas lúdicas e interativas, tão necessárias à educação. As TICs são muito usadas como recurso de investigação e comunicação, trazendo novas culturas e novos modos de aprendizagem. Na sociedade globalizada, capaz de enriquecer-nos, mudar-nos, converter-nos, porque nos permite ver o que era invisível para nós, a partir das informações e dos conhecimentos que os indivíduos possuem. Essa

passa a ser uma visão de mundo diferenciada, pois permite que os acadêmicos possam obter conhecimentos mais amplos sobre os conteúdos estudados.

Ao refletir sobre a realidade escolar, pode-se perceber que muitas escolas têm computadores, porém, em sua grande maioria, sem acesso a internet, ou professores que não sabem usá-los adequadamente e nem aproveitá-los em sua prática pedagógica, privando os alunos de ter acesso a essa ferramenta, que vem contribuir para o processo de aprendizagem. Nessa perspectiva, as mídias não mais serão vistas com receio ou medo, mas sim como recursos pedagógicos capazes de dinamizar o processo educativo e colaborar no ensino-aprendizagem. A partir das ideias de Levy (2000, p.73):

A escola, ao invés de passar informações, geralmente desatualizadas e descontextualizadas, terá de se ocupar do aprender a aprender, de levar o aluno a construir o seu próprio conhecimento, mantendo-se alerta para revisões e ampliações necessárias. A pretensão da escola é fazer o aluno pensar, estimular suas faculdades, criar oportunidades de utilizar seus talentos, respeitando os diversos modos de aprender e de expressar. A escola terá que ser um espaço de produção e aplicação do conhecimento.

A construção metodológica passa não só pela definição das estratégias de investigação, mas, sobretudo, pelo processo de formação de pesquisador e sua tomada de consciência do lugar que ocupa na pesquisa. O pesquisador deve participar ativamente no mundo social que estuda e estar atento às mudanças que ocorrem no cotidiano. Um bom pesquisador deve ter um domínio técnico de qualidade, conhecimentos de recursos disponíveis em sites, autonomia de leitura e escrita, interesses nas redes sociais, para que saiba conduzir uma aula baseada nas tecnologias, as quais os alunos vão sentir interesse em participar, pois elas são usadas por eles no cotidiano e vivenciadas em sua realidade.

No ciberespaço, especificamente nos ambientes virtuais de aprendizagem os saberes são produzidos pela cibercultura, principalmente no que se refere aprender com o outro, criando uma rede de aprendizagem em um ambiente aberto, para qualquer acadêmico. A cibercultura é definida pela codificação digital, interativo e em tempo real da informação. Quanto mais se produz e acessam as informações, tornam-se mais acessíveis e possíveis no cotidiano, pois o acadêmico nativo digital é oriundo a essas tecnologias, sendo esta cada vez mais utilizada pelas novas gerações que estão se materializando com essa mudança, com esse novo jeito de aprender.

Segundo Lévy (1999) a cibercultura é uma nova forma de comunicação gerada pela interconexão de computadores ao redor do mundo, abrangendo um universo informacional que abriga os seres humanos que a utilizam. As redes digitais permitem que, principalmente, acadêmicos trabalhem em equipe, coordenem, cooperem e realizem suas atividades com êxito.

2.1 Caracterizando a relação Cibercultural e a Prática Pedagógica

As práticas aqui elencadas, referem-se à ação, ao ato de conduzir o conhecimento, então, entende-se que prática pedagógica é a ação de conduzir aprendizados.

Na metade da segunda década do Século XXI, constata-se que tal prática está inserida em um espaço denominado ciberespaço, este em seu crescimento inicial é marcado por três princípios, de acordo com Levy (1999): a interconexão, a formação de comunidades virtuais e a inteligência coletiva. A interconexão é um contínuo sem fronteiras, um universo por contato virtual; que gera a criação de comunidades virtuais, que são ligadas por interesses, mantém relações de contato, são os motores, à vida diversa e surpreendente do universo por contato. O terceiro princípio é a inteligência coletiva, momento em que ocorre as trocas de ideias, informações, questionamentos e respostas, sendo este, a finalidade última dos três princípios.

Os três princípios da cibercultura se inclinam para um fim em si mesmos: a autonomia e a abertura para a alteridade. É o universo sem totalidade e o ciberespaço surge como ferramenta de organização de comunidades de todos os tipos e de todos os tamanhos em coletivos inteligentes, que permite que haja a interligação, que se articulem entre si.

O que é preciso aprender não pode mais ser planejado nem precisamente definido com antecedência. [...] Devemos construir novos modelos do espaço dos conhecimentos. No lugar de representação em escalas lineares e paralelas, em pirâmides estruturadas em 'níveis', organizadas pela noção de pré-requisitos e convergindo para saberes 'superiores', a partir de agora devemos preferir a imagem em espaços de conhecimentos emergentes, abertos, contínuos, em fluxo, não lineares, se reorganizando de acordo com os objetivos ou os contextos, nos quais cada um ocupa posição singular e evolutiva (LÉVY, 1999, p. 158).

Situados em relação à sociedade virtual (ciberespaço) e o âmbito dele em relação à construção do conhecimento, evidencia-se que se está intrinsecamente rodeado pelos meios tecnológicos. Por isso, parte-se do pressuposto de que as tecnologias digitais estão em todo o espaço, inclusive na educação e nos atores desta.

A introdução de ferramentas tecnológicas nas escolas evidencia desafios e questionamentos acerca de seu uso no processo de mediação do ensino-aprendizado. Para que o uso de tecnologias se torne democrático, é de fundamental importância entendê-los e superá-los, reconhecendo a sua importância, suas potencialidades, a realidade em que a escola está inserida, proporcionando, ampliando e mediando o trabalho pedagógico.

A invenções sempre fizeram parte da vida humana, seja pela descoberta do fogo ou pelas tecnologias digitais. As invenções sempre modificaram e continuam a modificar a vida humana, o “inventar” traz a mudança, a revolução, aguçando um novo fazer e um novo ver dos inventos e das formas de vida.

[...] a educação nos últimos cem anos, passou por um desenvolvimento que se caracteriza por uma revisão de conceitos e de técnicas de estudo, à maneira, dir-se-ia, da transformação operada na arte de curar – a medicina – quando se emancipou da tradição, do acidente, da simples 'intuição' e do empirismo e se fez, como ainda se vem fazendo, cada vez mais científica". (TEIXEIRA, 1977, p. 44).

Para Teixeira (1977), a educação é uma arte. “E arte é algo de muito mais complexo e de muito mais complexo que uma ciência” (p. 44). Nesta perspectiva, arte consiste em modo de fazer. Modos de fazer implicam no conhecimento da matéria com que se está lidando, em métodos e no modo de realizar determinada atividade.

Em todos os elementos da sociedade, a informação passa a ter aspecto central e sua disponibilidade cresce exponencialmente em todos os instantes. O acesso à informação é aspecto fundamental para o indivíduo ser considerado informado, especialmente em relação às informações que são vinculadas nos mecanismos eletrônicos. A globalização enraizou diferenças entre nações, aumentando o abismo social entre as privilegiadas e as menos favorecidas. O acesso à informação permite que se crie mecanismos para que as sociedades

cresçam nos aspectos sociais, culturais, políticos, econômicos e educacionais, oportunizando a consolidação de uma sociedade com cidadania ativa.

Tendo como objetivo primordial da prática pedagógica, o ensino está atrelado as demandas encontradas pela escola, busca-se um aprendizado emancipatório e que inclua os envolvidos em torno do processo de aprendizagem.

Com acesso aos meios tecnológicos, o educador terá uma atuação mais próxima da realidade dos educandos, constatando assim, que a educação é um conjunto de paradigmas que busca relacionar realidade e possibilidades de aprendizado.

Incluir digitalmente, não é apenas inserir aparelhos digitais no espaço escolar, mas sim oportunizar o desenvolvimento de atividades úteis à vida. Sabe-se que os meios digitais estão em todos os espaços vivenciados, desde passar um cartão de crédito, assistir a um filme, pesquisar na internet, entre tantas outras atividades em que são utilizados os meios eletrônicos (digitais) para facilitar e agilizar a vida humana.

Portanto, estar inserido em uma cultura digital é saber manusear os aparelhos enquanto necessidade e facilitador da vida humana. Tendo a cibercultura como uma forma de definir o que se tem em relação à facilidade e rapidez que as informações estão disponíveis ao acesso humano considera-se como finalidade maior dos princípios ciberculturais, a inteligência coletiva, ou seja, a informação direcionada e de livre acesso.

A partir da inteligência coletiva, entende-se que os alunos possuem acesso às informações e chegam ao ambiente escolar repletos de um enxurrada de informações. Tem-se neste mesmo espaço cibercultural, um educador, que recebe estes alunos e necessita ter uma prática pedagógica.

Mediante todos estes paradigmas que norteiam a ação do professor é preciso ter clareza de que com o emaranhado de informações que está disponível na rede e quando o educando tem acesso, este pode transformar informação em conhecimento por seu próprio desejo de descobrir. Porém, julga-se que é no espaço escolar que as informações passaram a sediar o conhecimento, ou seja, que no ambiente da escola o professor transforma os saberes socialmente recebidos em construção sólida de conhecimento.

Com este olhar sobre as tecnologias, tem-se um aprendizado significativo e uma prática associada à vida que os educandos têm fora do ambiente escolar.

Quando as tecnologias são utilizadas como uma ferramenta que melhora a aprendizagem, tem em si, um cunho pedagógico, pois facilitam ao educador cativar a atenção dos educandos e estes aprender através de um processo prazeroso. Pois como afirma Nascimento (2012)

Há uma grande diferença entre o modo como os alunos usam as novas tecnologias para se comunicar no dia a dia e como eles as usam na escola. Fora da sala de aula, os alunos se comunicam por meio de mensagens instantâneas, telefones celulares e outros meios digitais. Essas tecnologias, muitas vezes consideradas como brinquedos, são essenciais para que os alunos se comuniquem com o mundo. No entanto, as escolas estão demorando a reconhecer os benefícios que esses instrumentos podem trazer para a educação. (NASCIMENTO, 2012, p. 45)

Assim sendo, Nascimento apresenta uma crítica construtiva aos olhos de uma educação que pensa no conhecimento como algo significativo e vê a possibilidade de tornar a educação algo científico e ao mesmo tempo prazeroso aos olhos dos envolvidos. Pois acredita-se que quando os alunos se deparam com uma aula que para eles é comum, gera internamente um desejo que motiva a aprender, assim facilitando tanto a construção do conhecimento quanto a elaboração de novas aprendizagens.

É em um ritmo de aceleração, de necessidade de interação que se tem uma geração que é ao mesmo tempo conectada e isolada. Em que, muitas relações sociais correm o risco de serem midiaticizadas sem contato real.

Mas também, é necessário considerar que os meios digitais são de uso misterioso para alguns, sendo que nem todos tem acesso e domínio a essas tecnologias e para utilizar dos aparatos tecnológicos é necessário ter clareza da sua utilização.

Tudo isso atrelado à forma como estão inseridos no mundo de muitas informações, encontra-se a geração da agilidade, que busca suas relações muitas vezes pelos aparelhos digitais, que aparecem enquanto um dos facilitados de cativo educacional, pois os alunos na sua grande maioria estão imersos nestas ambiências tecnológicas, e no uso cotidiano percebem-na como possibilidade de interação. O desafio na escola é também oportunizar que isso seja uma possibilidade de construção.

Considerando as informações e uma prática bem organizada e elaborada a partir das interações entre professor, aluno, tecnologia, aprendizagem e

humanização, é preciso sim, uma prática interdisciplinar que integre a vida social e educacional. Deste modo as ferramentas tecnológicas apresentam-se como mais uma possibilidade de acesso à construção do conhecimento.

2.2 O aluno enquanto sujeito da sua aprendizagem

Ao falar em educação, não se pode desconsiderar se está relacionando ao contato humano, dotado de diferentes concepções, virtudes, desejos, anseios, emoções, reações, convívios, condições (financeiras, sociais, culturais), desenvolvimento cognitivo entre várias outras potencialidades que são similares aos seres humanos.

O afeto pode se apresentar de várias dimensões, incluindo os sentimentos subjetivos (amor, raiva, depressão) e aspectos expressivos (sorrisos, gritos, lágrimas). Para tal, é necessário o olhar atento e cuidadoso do educador para designar as necessidades dos educandos.

Considera-se que na constituição da história da humanidade, sempre a emoção foi responsável pela união dos indivíduos; como afirma o autor Wallon (1994, p. 127), nas emoções “se baseiam as experiências gregárias, que são uma forma primitiva de comunhão e de comunidade”. Isso porque as emoções se apresentam como o elo entre o indivíduo e a sociedade, bem como na relação entre os seres humanos. Estes laços interindividuais iniciam nos primeiros dias de vida e se fortalecem a partir das emoções, antes mesmo do raciocínio e da intenção.

Nesta interação de troca e convívio a relação professor e aluno deve ocorrer de forma que o ato de educar não seja somente o repasse de informações, no qual o educador se apresenta como personagem que julga ser o certo. A visão de que o educador se preocupe com a formação emocional de seu aluno é ajudá-lo a tomar consciência de si mesmo, se aceitar e respeitar seus limites e imperfeições, bem como no relacionamento com o outro e com a sociedade em que vive, e o seu papel dentro dela.

Para CUNHA (2000), o desenvolvimento cognitivo resulta da interação entre criança e as pessoas com quem ela mantém contatos regulares, no caso da escola, o aluno e os professores. Pois, durante o período escolar da criança haverá

interações dela consigo mesma e com outros, interações estas, nas quais a afetividade está presente.

Os seres humanos logo que nascem necessitam do outro (no caso o adulto) para sobreviver. Nesta fase inicial de vida, observa-se que a necessidade está primeiramente voltada ao lado da cooperação e necessidade do outro, ou seja, a afetividade que neste caso se apresenta com o cuidado, o zelo e o amor, garantindo assim a sobrevivência daquele ser.

Para a criança surge o desejo de aprender quando há motivos que lhe sejam profundamente essenciais para que desencadeie aprendizagens. Isso porque a aprendizagem depende de motivos como quando ela se sente querida, está segura de si e é tratada como um ser singular, único, instigada para a descoberta e a exploração, quando ela for ouvida e se sentir acolhida para ouvir também. Isso porque aspectos como características físicas, motoras, afetivas e psicológicas influenciam no desenvolvimento.

Para que a criança se sinta bem na escola necessita que o ensino também seja objetivo e dinâmico. O professor deve ser sensível, conhecer a criança com a qual está lidando, conquistando assim sua confiança, desta forma naturalmente irá ocorrer à motivação escolar.

Cortela (2006) salienta que “não nascemos prontos” que para o ser humano o grande desafio é resistir à sedução do repouso, pois nascemos para caminhar e nunca para nos satisfazer com as coisas como estão. Neste sentido, faz a análise de que a insatisfação é um elemento indispensável para quem, mais do que repetir, deseja criar, inovar, refazer, modificar, aperfeiçoar.

Sendo assim, aos educadores nada mais cabe do que enquanto relação de influência na construção de ser humano, nunca se deve estar saciados, sanados pelo conformismo, mas bem pelo contrário, sempre buscar o novo, o desafio e assim almejar infinitamente o melhor.

E nessa busca constante é que pauta-se as relações humanas nas quais são permeadas e diferenciadas a partir das gerações as quais pertencem. Para tanto busca-se caracterizar estas as quais os seres humanos passaram até estar na atual geração, considerada como “Nativos Digitais”

Como deveríamos chamar estes “novos” alunos de hoje? Alguns se referem a eles como N-gen [Net] ou D-gen [Digital]. Porém a denominação mais utilizada que eu encontrei para eles é **Nativos Digitais**. Nossos estudantes

de hoje são todos “falantes nativos” da linguagem digital dos computadores, vídeo games e internet (PRENSKY, 2001).

Atualmente, a literatura aposta que apresentam-se as gerações, enquanto alicerce histórico até os “Nativos Digitais”. De acordo com Oliveira (2009), pertencem à geração "Baby Boomer" os nascidos entre 1940 e 1960. A nomenclatura veio do crescimento da taxa natalidade após o final da segunda guerra mundial. A geração X, é caracterizada pelas pessoas nascidas entre os anos 1960 e 1980. Essa Geração possui uma visão definitivamente contrária à visão das gerações anteriores, a ponto de rebelarem diante a tudo que havia sido estabelecido. Já a geração "Y" é a geração dos filhos dos Baby Boomers e dos primeiros membros da Geração "X", os mais novos ainda estão saindo da adolescência e os mais velhos ainda não chegaram aos trinta anos.

A geração Z, de acordo com Shinyashiki (2009), é apresentada como geração formada pelas pessoas que nasceram a partir de 1990. Lauer (2011) afirma que a letra que Z vem do termo “zapear”, ato de trocar de canal de TV constantemente pelo controle remoto. Sendo assim, é uma geração que está integrada com as tecnologias, que cresceu e vive rodeado pelos meios virtuais.

No século XXI, os espaços e as pessoas se deparam com uma nova forma de comunicação e mediação das relações e saberes: as TICs, que são a inserção das novas tecnologias à vida humana, social, educacional, profissional. Elas buscam alcançar a informação, a partir do pressuposto de inovação.

Castells (1999, p. 31) destaca:

[...] o que deve ser guardado para o entendimento da relação entre tecnologia e a sociedade é que o papel do Estado, seja interrompendo, seja promovendo, seja liderando a inovação tecnológica, é um fator decisivo no processo geral, à medida que expressa e organiza as forças sociais dominantes em um espaço e uma época determinados. Em grande parte, a tecnologia expressa à habilidade de uma sociedade para impulsionar seu domínio tecnológico por intermédio de instituições sociais, inclusive o Estado. O processo histórico em que esse desenvolvimento de forças produtivas ocorre assinala as características da tecnologia e seus entrelaçamentos com as relações sociais.

Castells também aborda, que a tecnologia expressa à habilidade de uma sociedade para impulsionar seu domínio tecnológico por intermédio de instituições sociais. Enfatiza desta forma, que as relações entre seres é um processo histórico constituído por pessoas, e estas são seres que fazem parte de um estado, uma

instituição de ensino, um meio de convivência a partir do qual trocam informações e vivências. Com isso, as tecnologias devem atuar de modo a favorecer como um agente de inovação tecnológica.

2.3 Construção de uma prática pedagógica interativa

Já definido o conceito de prática pedagógica, em que espaço se encontra e quais são os sujeitos inseridos, é relevante apresentar possibilidades de trabalho interativo, presente neste contexto cibercultural.

Na nova mídia digital, a comunicação, com efeito, é interativa em sentido simultaneamente específico e ampliado: ampliado, por um lado, porque permite a interação humana ativa e em mão dupla com os próprios meios e equipamento que a viabilizam; específico, de outro, porque essa circunstância permite ainda a interação social ativa e em mão dupla entre os seres humanos, ao ensejar o aparecimento de redes sociotécnicas participativas que transcendem a sua pura e simples interligação social, como ocorria na esfera da velha mídia. As redes sociais, portais e blogues, os videogames, chats e sites de todo tipo, os sistemas de troca de mensagens e o comércio eletrônico, o cinema, rádio, música e televisão interativos via internet são, realmente, apenas algumas das expressões que surgem nesse âmbito e estão ajudando a estruturar praticamente a cibercultura. (RÜDIGER, 2013, p. 14).

Relacionado à educação, o processo interativo associa-se ao contato do aprendiz com o objeto ou conteúdo a ser estudado. Neste momento, as ferramentas tecnológicas aparecem enquanto um objeto a ser manipulado para obter a essência de algo. Como define Fragoso (2001, p.3) “é interativo qualquer processo em que dois ou mais agentes interagem, também é interativo aquilo que permite a específica modalidade de interação implicada na denominação interatividade”.

Muitos meios são citados quando se fala de aprendizagens interativas. Jogos propriamente ditos, são riquíssimos em interação, basta o professor atrelar o conteúdo estudado em sala de aula a um jogo disponível em rede que pode ser utilizado como revisão e reforço do que foi estudado até então.

Como afirma Fragoso (2001), a interatividade é apontada como um dos elementos principais, senão o mais importante, da redefinição das formas e processos psicológicos, cognitivos e culturais decorrentes da digitalização da comunicação e também afirma uma das características mais importantes da *Web* é o seu potencial de interatividade, e que as formas de comunicação da Internet estão

direcionadas para a comunicação interativa, dialógica e que mais se aproxime do modelo de comunicação interpessoal.

A internet oportuniza uma gama de opções de socialização e diálogo entre as pessoas, e suas construções, podendo utilizar de meios para colaborar em rede com produções, sugestões, práticas e ideias. Há diversos instrumentos que podem causar a socialização das produções. E na busca pela interação dos alunos com conteúdos pode-se aplicar a utilização das tecnologias nas quais utilizando da Web alunos e professores geram possibilidades de inovação feitas a partir da ferramenta inserida nas TIDCs na escola, sendo além de um instrumento de construção coletiva um atrativo educacional em que é possível aprimorar a prática sem deixar de lado valores.

Como afirma Lévy (1999, p.82), “a interatividade assinala muito mais um problema, a necessidade de um novo trabalho de observação, de concepção e de avaliação dos modos de comunicação do que uma característica simples e unívoca atribuível a um sistema específico”. Pode-se dizer que, a educação é um processo social e a comunicação um dos objetivos da educação. Portanto, inserir tecnologias da informação e comunicação no espaço escolar oportuniza aos alunos, desenvolver aprendizagens a partir do que lhes é comum.

Os aparelhos tecnológicos permeiam em diversas situações diárias, nas quais são ferramentas que facilitam a vida humana, como caixas eletrônicas, leitor de barras em mercados, cartão de crédito, entre muitos outros.

Os instrumentos tecnológicos são ferramentas que visam facilitar a vida do aluno e do professor pois ajudam na construção do conhecimento, a produção. O professor pode acompanhar o desenvolvimento, ao mesmo tempo em que o aluno interage e aprende novas técnicas úteis aos estudos e à vida.

Assim sendo, buscou-se neste espaço, sugerir meios para melhorar a prática docente, acentuar a familiaridade com a vida diária e proporcionar um planejamento dinâmico e inovador.

3 A PESQUISA

Por entender a pesquisa como a oportunidade de construir um novo conhecimento. Demo (1987, p. 23) define que "pesquisa é a atividade científica pela qual descobrimos a realidade". Valendo sempre ressaltar que a pesquisa não é uma resposta às indagações, mas sim a novos questionários, bem como às perguntas antigas, que se convertam a outras problematizações.

Com o intuito de atender aos objetivos propostos para esta pesquisa que eram em sua abrangência "refletir sobre a prática docente em um contexto cibercultural, a fim de perceber sob o olhar do aluno e do professor, em que medida a ação pedagógica leva em consideração a ambiência com as tecnologias". atendeu-se a orientação metodológica qualitativa descritiva agregando os saberes teóricos na busca de atender a relação com a realidade educacional na perspectiva de alunos do Ensino Médio e dos educadores da turma de alunos questionada.

Foi utilizada a pesquisa qualitativa através da descritiva, nesta foram elaborados questionários no qual o participante teve a oportunidade de responder descritivamente e também múltipla escolha.

Para transpor a relação das respostas recebidas com a teoria proposta, a pesquisa define-se a partir de uma organiza através da abordagem qualitativa. Que segundo Minayo (1994)

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO 1994 p.21-22).

Esta pesquisa qualitativa, interliga-se á descrições por detalhar percursos, respostas e relações teóricas. Nesse sentido, a mesma define-se como a pesquisa que possibilita ao pesquisado se orientar por ideais de contextualização, análise e conclusão justificados por um enfoque qualitativo. Caracterizada pelo momento ao qual o autor busca conceituar, integrando o tema quanto ao enfoque e perfil do pesquisador, dos sujeitos e dos dados dos quais geraram indagações, e por gerar a possibilidade de qualificar o que se escreve é que oferece à pesquisa qualitativa a garantia da abordagem teórica da construção do conhecimento.

O termo qualitativo implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível e, após este tirocínio, o autor interpreta e traduz um texto, zelosamente escrito, com perspicácia e competência científicas, os significados patentes ou ocultos do seu objeto de pesquisa. (CHIZZOTTI, 2003, p. 221)

Concordando assim com as afirmações de Chizzotti (2003) nesta perspectiva de análise o pesquisador tem a liberdade de se aventurar em uma pesquisa da qual pode vir a confrontar diferentes opiniões, relacionando com o conhecimento até então abordado enquanto teoria, com a finalidade de elucidar o objetivo e a problemática que norteiam.

Para situar o leitor quando das interpretações realizadas na análise dos dados, é necessário estabelecer o espaço em que foi realizado o questionário, seguindo pela realidade da escola pesquisada e as vivências percorridas desde o primeiro contato com o educandário até o recebimento final dos questionários respondidos.

Na sequência, a análise está organizada em categorias de interpretação, nas quais as perguntas dos alunos e dos professores se equivalem, sempre buscando investigar o ponto de vista dos educandos e educadores referente a um mesmo tema. Os alunos verificando o aprendizado e os professores a melhor forma de oportunizar a construção do conhecimento, tendo em ambos a utilização da tecnologia como ferramenta didática.

Para organização da análise dos dados foram separadas perguntas comuns por categorias, sendo que para a descrição da análise leituras das respostas, classificadas as falas que respondiam as questões, destas as mais significativas para a pesquisa foram trazidas para o texto relacionando com o diálogo com os autores e diante da sequência de falas dos sujeitos foi que classificaram-se os e por meio desta lógica de organização é que chegou-se às categorias.

3.1 O universo pesquisado

A escolha do espaço escolar no qual a pesquisa se desenvolveu foi vital para que o levantamento das respostas ocorresse de forma harmônica. O primeiro contato com o educandário para apresentação da pesquisa, coleta de dados sobre a escola e contato com o Projeto Político Pedagógico deu-se em meados do mês de agosto de 2014, sendo que trinta dias após foram entregues os questionários.

O espaço de ensino é público, no qual os profissionais atuantes são de caráter efetivo e temporário. Os alunos vivenciam o espaço de trabalho durante o dia e a noite frequentam o ensino regular acarretando a possibilidade de contemplar pensamentos diversificados pelas situações vivenciadas pelos professores e alunos.

O espaço escolar ao qual foi realizada a coleta de dados, para fins deste estudo, não será identificado, devido ao sigilo dos respondentes. É uma escola da rede pública estadual, que em seus aspectos geográficos está localizada ao Oeste de Santa Catarina. Conta com quatro educadores frente a equipe diretiva e atua com turmas de Ensino Fundamental e Ensino Médio. Foi uma das primeiras escolas do Estado a contar com computadores, iniciando a aquisição no ano de 1993, segundo o Projeto Político Pedagógico do educandário.

A escola conta aproximadamente com 95 profissionais envolvidos, e com 1.136 alunos no espaço escolar, sendo destes 139 matriculados no Ensino Médio (noturno) e 162 matriculados no Ensino Médio Inovador.

Os participantes eleitos para a pesquisa foram os alunos do terceiro ano do Ensino Médio noturno e para os dez professores que atuam nesta turma. A escolha dos alunos pesquisados deu-se devido ao fato de que os alunos que estudam no turno noturno trabalham durante o dia e acreditando que por estarem no terceiro ano do Ensino Médio possuam mais vivências escolares e maturidade para refletir sobre as questões propostas. Nesta linha de pensamento, eles estão introduzidos no mundo do trabalho, e estudam. Visto que eles possuem vivências profissionais e também enquanto alunos acredita-se que desta forma possuam um olhar social sobre a organização cibercultural que permeia os espaços e as necessidades que encontram em seus trabalhos e nos estudos.

Todos os alunos responderam ao questionário que foi aplicado em sala de aula por uma professora da turma em um dos seus períodos de aula. Aos professores foram entregues 10 questionários tendo 7 de retorno.

3.2 Vivências da pesquisadora

Desde o primeiro contato com a escola, realizado por via de telefônica, percebemos que os gestores foram extremamente receptivos. A Direção se colocou à disposição para conversar sobre a proposta de meu projeto e objetivo dos questionários.

Posteriormente, fui até a instituição dialogar com uma das gestoras sobre o que consistia o questionário e a importância dos termos de aceite assinados, pois dependia destes para poder utilizar as respostas dos participantes.

No mês de outubro do ano de 2015 foram entregues à gestão os questionários dos alunos e professores e, também, os Termos de Esclarecimento. A mesma prontificou-se de realizar a entrega e coleta dos mesmos. Nos questionários dos alunos haviam 6 questões, destas, 2 objetivas e 4 descritivas, aos educadores foram entregues questionários com 10 questões, destas 5 objetivas e 5 descritivas. Sendo que nos questionários dos alunos e professores buscou-se realizar paralelo entre algumas questões, com o intuito de investigar e buscar a comprovação das afirmações de um questionário com o outro, também foram realizadas perguntas específicas para compreender o que cada um pensa na sua realidade com o interesse de perceber as especificidades do olhar do aluno e do professor.

Na data combinada para buscar os questionários (15 dias após a entrega dos mesmos) recebi somente os formulários dos alunos, pois apenas 3 professores haviam retornado. Então, a Direção da escola dispôs-se a solicitar novamente aos 10 professores que realizassem o preenchimento e entrega dos mesmos, sendo que na semana seguinte recebi 7 dos 10 entregues.

Após o recebimento dos alunos e professores faz-se gráficos para ilustrar as respostas objetivas, podendo perceber assim, as quantidades, e relacionar visualmente a relação entre as respostas dos alunos e professores, como também perceber se há homogeneidade ou disparidade entre as respostas.

3.3 Análise e categorias: em busca de evidências

A pesquisa concretiza-se ao que é possível realizar reflexão sobre o que fundamenta-se teoricamente e a relação do que observa-se ou como neste caso,

questiona-se na vivência. Na presente pesquisa buscou-se evidenciar sob o olhar do aluno e do professor a relação que o ambiente cibercultural influencia sobre a ambiência tecnológica dos alunos e a relação desta no espaço educativo.

Aos alunos buscou-se evidenciar qual a utilidade das tecnologias na vida cotidiana e como as percebem no espaço escolar, bem como a relação que fazem entre o ensino e suas preferências e necessidades de aprendizagem. Aos educadores, buscou-se constatar a visão que possuem sobre os alunos possuírem ambiência ou não com as tecnologias na vida extraescolar e como veem o uso das mesmas no espaço educativo como possibilidade de ensino e aprendizado. Além do que buscou-se perceber como os educadores pensam a tecnologia enquanto sua prática e como as utilizam, se consideram as mesmas pautáveis ao ensino ou se pensam que a relação entre sua metodologia e as tecnologias não se aplica.

Para apresentar a análise dos dados organizou-se categorias, nas quais aparece foram organizadas a partir das relações entre as respostas dos educandos com as dos educadores e também as específicas que foram direcionadas para cada grupo questionado. As categorias nomenclaturam-se como “os alunos utilizam e os professores acreditam que eles utilizam”, nesta apresenta-se as afirmações dos alunos e a visão dos educadores sobre a ambiência da geração de estudantes em relação às tecnologias, na segunda categoria apresenta-se com evidência as “tecnologias presentes em sala de aula”, neste buscou-se investigar quais tecnologias estão presentes no espaço escolar e como as mesmas são utilizadas, na terceira categoria nominada por “Preferências de metodologia de aprendizagem e a reação observada” apresenta-se as formas preferíveis de ensino apresentadas pelos alunos e as observações dos educadores sobre sua prática e a reação dos alunos quando a utilização de ferramentas tecnológicas em suas aulas e a última categoria elencada foi “Tecnologias na escola: uma possibilidade apreciada por educadores”, que relaciona a perspectiva da inserção das tecnologias no espaço escolar.

Pensou-se em categorias com o intuito de buscar evidências tanto a nível particular de cada um dos grupos entrevistados como também a possibilidade de contrapor as afirmações com a finalidade de perceber de fato como o processo ocorre dentro do espaço escolar, considerando o olhar específico do aluno e do professor, pois como se remete a gerações diferentes o olhar de um grupo e outro

sobre o mesmo assunto pode ser diferenciado, para tal buscou-se esclarecimentos concretos considerando as respostas no seu contexto e geração.

3.3.1 Os alunos utilizam e os professores acreditam que eles utilizam

A tecnologia está constantemente presente na vida humana e a escola enquanto espaço público de aprendizagem interage com gerações diferenciadas (no caso, alunos e professores e os próprios professores são de gerações diferentes), e acompanham o ritmo que o meio propõe. Neste aspecto, a pesquisa buscou instigar nos alunos se eles utilizam as tecnologias diariamente e no contraste questionar aos educadores que estão no contato direto com os educandos o que pensam a respeito, se acreditam que de fato os alunos tem acesso aos meios tecnológicos e se estes são de manuseio diário.

Com este propósito pode-se dizer que sim, os alunos afirmam que utilizam e os professores creem que eles fazem uso das tecnologias, como destaca-se o subtítulo deste capítulo.

A partir dos questionários recebidos dos 16 alunos participantes nota-se que ao serem questionados sobre quais tecnologias ou meios de comunicação utilizam no cotidiano aparece como unanimidade o uso de celular e do Google, 15 alunos responderam que utilizam o Facebook e a internet, seguido por 14 que fazem uso do whatsapp diariamente, 11 utilizam notebook e e-mail, o Word é utilizado por 9, o instagram por 7, o Power Point é utilizado por 4. Após vêm o videogame por 2 alunos e um aluno respondeu ter utilizado em seu cotidiano o tablet, blog e twitter. Nenhum dos alunos utilizou do Prezzi em suas atividades diárias.¹ O gráfico “Uso das tecnologias pelos alunos” que segue ilustra as informações apresentadas acima.

¹ Na pesquisa optou-se por não separar em Hardware e Software, sendo que os mesmos foram citados hardwares (celular, notebook,...) e o software (facebook, google...) todos num mesmo campo, tendo em vista que nem todos os respondentes tem a clareza da diferenciação dos mesmo.

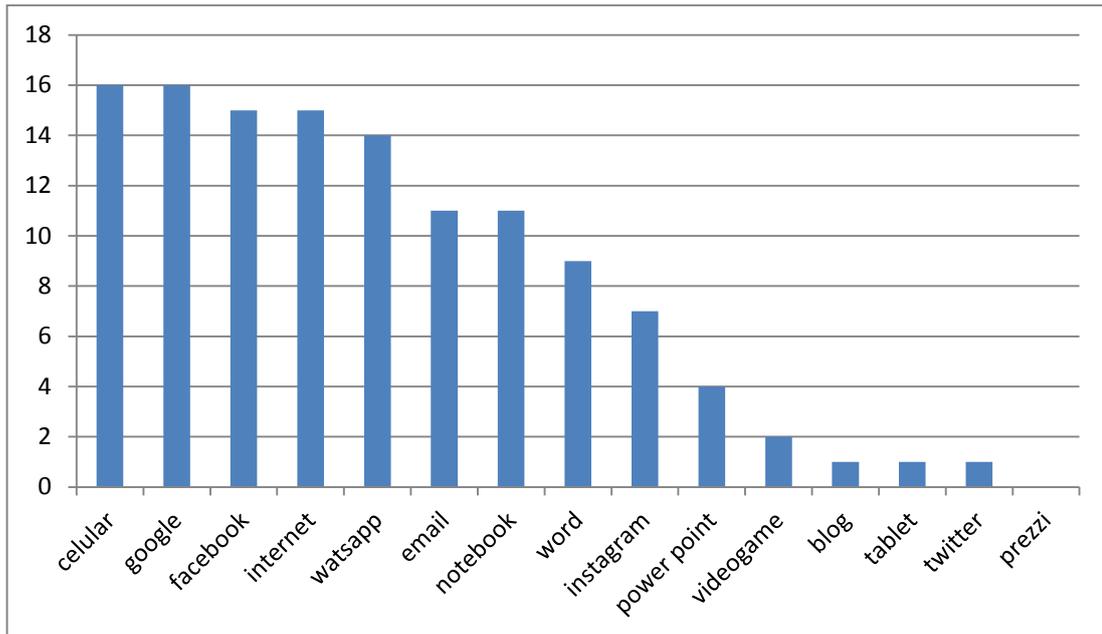


Gráfico 1. Uso das tecnologias pelos alunos. FONTE: Baldo (2016)

No gráfico 1 percebe-se que os instrumentos tecnológicos mais utilizados pelos alunos são os relacionados à internet. Estes estão agregados à ideia de “conectados”, ou seja, relacionados as relações que a utilização destes meios permitem, seja esta comunicação entre pessoas ou entre informações, Toffler (1995, p.142) afirma: “essa nova civilização traz consigo novos estilos de família; maneiras diferentes de trabalhar, amar e viver; uma nova economia; novos conflitos políticos; e acima de tudo uma consciência modificada”. Salienta Bauman (2004) é uma geração moderna, líquida no sentido de não possuir forma específica e nem verdades consideradas como padrão.

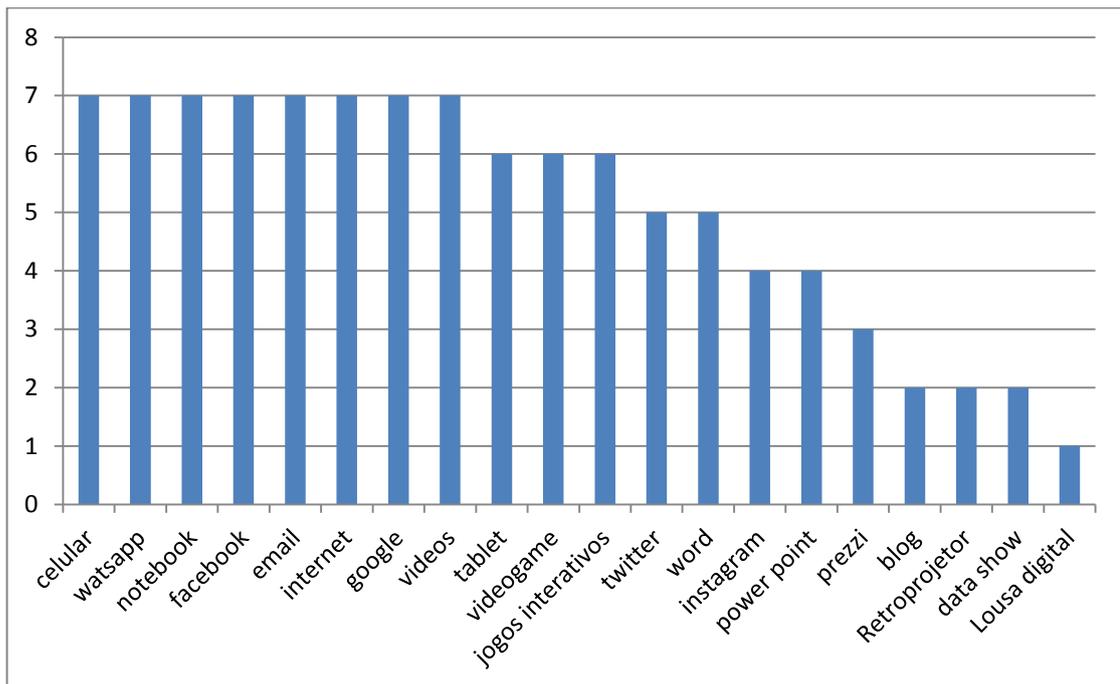
A utilização do celular por todos e do “Google” como uma ferramenta de busca evidencia que os alunos que responderam aos questionários possuem ambiência com esses meios de expressão tecnológica. A utilização da internet permite que tanto as informações, no cunho das “relações” sejam aplicadas no campo de estar conectado com diferentes ambientes.

Aos educadores foi questionado sobre quais tecnologias eles acreditam que os alunos utilizam em sala de aula, sendo que as respostas obtidas pelos 7 professores participantes estão elencadas da seguinte forma:

Todos os professores acreditam que seus alunos utilizam celular, whatsapp, notebook, Facebook, e-mail, internet, o Google e vídeos, 6 professores acreditam que eles utilizam tablet, videogame e jogos interativos, 5 apostam no twitter e no

Word. Já o Instagram e o Power point 4 professores acreditam serem utilizados pelos seus alunos e 3 pensam que o Prezzi faz parte do cotidiano dos estudantes, 2 assinalam que eles utilizam blog, retroprojektor e data show e 1 professor acredita que a lousa digital está presente diariamente na vida dos alunos. As informações citadas acima estão apresentadas no gráfico que segue:

Gráfico 2. Abordagem aos docentes – compreensão sobre tecnologias



FONTE: Baldo (2016)

Refletindo acerca da afirmação apresentada no gráfico 2 de que todos os professores que responderam aos questionários acreditam que seus alunos possuem ambiência com as tecnologias, elabora uma imersão ao pensamento de que estão conscientes que os aparatos e a interatividade faz parte da vida dos educandos. O fato de terem um entendimento faz com que estejam atentos com o entorno dos educandos. Porém questiona-se: pode-se dizer que com tecnologias os alunos aprendem de uma forma melhor? Ou será que eles têm ambiência nos aparatos e conexões, mas não o veem como possibilidade de construção do conhecimento? Como os professores podem referenciar-se a isso em suas aulas? A tratam como ferramenta de seu trabalho? Nosso entendimento é que mesmo tendo esta visão de ambiência dos alunos, nem sempre conseguem traduzir as tecnologias e suas ferramentas para suas aulas.

Essas indagações surgem ao que constata-se que a partir das respostas dos alunos e professores que os aparelhos celulares e as redes sociais fazem parte da vida dos alunos, e os educadores também julgam que os mesmos estejam presentes. E cabe ao educador como diz Freire (2007, p.19) “O professor precisa ser um aprendiz ativo e cético na sala de aula, que convida os alunos a serem curiosos e críticos... e criativos”. O aluno interage em um mundo em constantes mudanças, nas quais modos diferenciados e inovadores são propostas de trabalho que visam o sucesso na educação, pois na contemporaneidade e na liquidez com que as relações ocorrem é necessário á educação utilizar meios e formas de fazer com que o conhecimento seja apresentado e desejado ao aluno, pois como afirma Lima, 2002:

A sociedade contemporânea convive com mudanças globais que revelam um panorama desafiador, múltiplo em possibilidades, riscos e incertezas. Os reflexos desse cotidiano são as reconfigurações do modus operandi social, o qual evidencia uma dinâmica contínua de modernização e de (re)adaptação a esse cenário mutante (LIMA, 2012, p.18).

Os instrumentos de pesquisa como a navegação no Google e a construção destes saberes escritos como em programas do Windows, a exemplo do “Word” e o modelo de apresentação de trabalhos do “Power Point” estão presentes no ponto de vista dos dois entrevistados, mas com menos incidência do que as redes sociais e os aparelhos celulares. Isso porque tais programas são de edição e atualmente não significam mais interação.

É tangível ao que apresenta-se nas informações acima que os alunos participantes desta pesquisa comprovam que são ambientalizados com as tecnologias e que as mesmas estão presentes na vivência deles, pois todos fazem uso de celular e de aplicativos de comunicação. Os professores estão cientes desta realidade e certos de que os alunos possuem essa ambiência com as tecnologias. Porém, o que torna-se relevante afirmar novamente que ter ambiência não significa usá-la no contexto escolar.

Percebendo e conhecendo os alunos, o professores poderão selecionar dentre as várias formas que pode fazer a melhor para oportunizar a construção do conhecimento, fazendo uso de metodologias diferenciadas que facilitem o acesso á informação e á construção do conhecimento, bem como o desejo de aprender, descobrir e ser autor deste processo, referencia Freire (1996, p.124), “a capacidade

do educador de conhecer o objeto refaz-se, a cada vez, através da própria capacidade de conhecer dos alunos, do desenvolvimento de sua compreensão crítica”.

Estamos falando de uma educação mediada num espaço de tempo que as formas de ver e pensar “liquidificam-se” de acordo com as demandas sociais e relacionais, ou seja, verdades absolutas deixam de ser pontos referenciais.

Isso ocorre pelo fato que a sociedade contemporânea está imersa em rotinas globalizadas, com muitos modismos impostos pela mídia, que pautados pelo uso social passam a ser considerados verdades e formas de ser e agir. Os desejos passam a ser momentâneos, e os princípios e valores oscilam muito de um momento para outro.

Em espaços como a escola, encontram-se esses seres que vivenciam realidades líquidas em seus ambientes cotidianos e que os valores se contradizem ao que a forma de vida vai modificando, como citado acima pela vulnerabilidade a que são submetidos midiaticamente, pelo capitalismo desenfreado que acarreta ideias de que o ter supera o ser e isso faz com que os princípios de ordem moral sejam liquidificados, como uma água que muda sua forma ao que troca de recipiente. E é no espaço escolar que se encontram todas essas formas variadas de pensamento e vida, sendo assim, a escola mais do que conviver com gerações e realidades ela também defronta-se com os aspectos de ordem moral e de valores. Bauman, define especificamente líquidos como:

Líquidos mudam de forma muito rapidamente, sob a menor pressão. Na verdade, são incapazes de manter a mesma forma por muito tempo. No atual estágio “líquido” da modernidade, os líquidos são deliberadamente impedidos de se solidificarem. A temperatura elevada — ou seja, o impulso de transgredir, de substituir, de acelerar a circulação de mercadorias rentáveis — não dá ao fluxo uma oportunidade de abrandar, nem o tempo necessário para condensar e solidificar-se em formas estáveis, com uma maior expectativa de vida. (REVISTA ISTO É, ON LINE, 24 set. 2010)

Outro aspecto a ser refletido é que os alunos, possuindo ambiência com as tecnologias, enfrentam-se indagações como: o aluno possui ambiência com as tecnologias, mas quais benefícios estas proporcionam à vida e as relações que vivencia? Prensky, (2010) ao citar que

Os Nativos Digitais são bastante conscientes de que, se de fato quiserem aprender algo, as ferramentas estão disponíveis para eles on-line. (...)

Muitas faculdades, hoje, tem muito material disponível on-line – que é a única maneira de os Nativos acharem-nos e reparar neles. (PRENSKY, 2010. p. 83).

Os alunos sendo desta geração que em sua maioria nasce midiaticizada pelos meios tecnológicos, possuem mais “facilidade” em utilizar os mesmos a seu favor, ou seja, se utilizada com objetivo de aprendizado e construção que estes atuam enquanto autores no processo educativo, pois quando há interação entre alunos e professores, entre professores e metodologia e entre os alunos e o conhecimento, ambos tem autonomia na construção de saberes, e participação ao ponto que participam ativamente, pesquisando, buscando, socializando entre si e com o mundo o que internaliza como saberes.

Utilizar meios tecnológicos e ter domínio do manuseio dos mesmos é ter ambiência, mas a forma que utiliza-se esse domínio é que define se as tecnologias agem em parceria ou isolam os envolvidos, se possuem um olhar construtivo a partir da possibilidade de estar conectados ao mundo e utilizam isso como uma oportunidade de realizar novos aprendizados e melhorar a qualidade de vida, pois como salienta Kenski (2008, p.15) “as tecnologias são tão antigas quanto à espécie humana. Na verdade, foi a engenhosidade humana, em todos os tempos, que deu origem às mais diferenciadas tecnologias”. O que diferencia-se com o tempo é a aplicabilidade e a mudança da qual ela vem trazendo. Uma cadeira, uma roda, um caderno em seu surgimento são tecnologias, ou seja, a tecnologia vem para trazer “o novo”, o que ainda não faz parte da vida e vem para inovar. Em se tratando de tecnologias digitais, conhecidas popularmente como aquelas que os dedos tem a capacidade de manuseio, em que o toque permita a “interação” entre o humano e o aparato, as mesmas ganharam corpo nas últimas décadas.

Uma maneira é informatizando os métodos tradicionais de instrução. Do ponto de vista pedagógico, esse seria o paradigma instrucionista. No entanto, o computador pode enriquecer ambientes de aprendizagem onde o aluno, interagindo com os objetos desse ambiente, tem chance de construir o seu conhecimento. Nesse caso, o conhecimento não é passado para o aluno. O aluno não é mais instruído, ensinado, mas é o construtor do seu próprio conhecimento. Esse é o paradigma construcionista onde a ênfase está na aprendizagem ao invés de estar no ensino; na construção do conhecimento e não na instrução (VALENTE, 1999, p. 24-25).

Essa construção de conhecimento citada por Valente (1999) é característica da participação e interação do aluno como participante ativo da construção do seu

conhecimento. A relação entre tecnologias, escola e conhecimento dar-se-á na autoconstrução e liderança na idealização de aprendizagens.

O educando quando instigado a utilizar do que ele tem domínio, e aqui reforço, domínio da utilização não condiz á boa utilização da mesma, mas que quando é direcionada a utilização dos conhecimento e habilidades que ele possui, denominado aqui por ambiência reluta ao modelo de ensino de repasse e sim induz á construção do aluno participante e atuante no espaço escolar e social, pois ao aluno cabe como salienta Libâneo(1991):

Aprender é um ato de conhecimento da realidade concreta, isto é, da situação real vivida pelo educando, e só tem sentido se resulta de uma aproximação crítica dessa realidade. Portanto o conhecimento que o educando transfere representa uma resposta à situação de opressão a que se chega pelo processo de compreensão, reflexão e crítica". (LIBÂNEO, 1991, p. 54):

Essa construção vem do que é necessário e viável, reagindo às vivências e maturidade que o aluno apresenta, pois ele precisa estar crítico e ter claro em sua mente qual o propósito do que faz.

O educador age enquanto mediador do conteúdo e da metodologia que ele propõe ao estudo, indicando formas e caminhos a seguir, possuindo domínio do que ensina, e utilizando da criatividade como possibilidades de almejar formas para que o aluno sinta-se construtor de saberes, interagindo com o conhecimento e sempre mantendo o elo de que a tecnologia no espaço escolar é um instrumento de socialização, pesquisa, interação, criatividade e possibilidades dinâmicas de aprendizado.

3.3.2 *Tecnologias presentes em sala de aula*

A partir da análise dos questionários da pesquisa entregue aos alunos e professores do terceiro ano do Ensino Médio noturno, constatou-se a partir de uma pergunta buscando instigar se as tecnologias aparecem em sala de aula. As respostas apresentadas pelos alunos foi 7 disseram que sim que é proporcionado o uso das tecnologias em sala de aula e 7 assinalaram que não é utilizado em sala de aula, e dois alunos assinalaram tanto para sim como para não.

As respostas dos alunos acarreta uma separação de concepções, pois as opiniões divergem-se sendo que a mesma quantidade afirma o uso das tecnologias e outra quantidade correspondente concorda exatamente com o contrário, considerando esses dados há um divisão, o que acarreta incerteza. Já dois alunos assinalaram tanto sim como não, afirmando que aparecem e ao mesmo tempo não aparecem.

Pode-se dizer então, que há uma disparidade das respostas dos alunos. Pois a divisão de opinião fica clara entre a confirmação e a negação sobre o uso das tecnologias em sala de aula.

Os professores questionados, a partir da pergunta “professor você utiliza tecnologias em suas aulas?” respondem todos os entrevistados que sim, as tecnologias estão presentes em suas aulas, utilizando em sala e no laboratório de informática.

Os alunos respondem que as tecnologias utilizadas em sala de aula são notebook, tablete, e-mail, internet, google, Word, Power Point e Prezzi, os professores afirmam perante o questionário a utilização de Celular, notebook, tablete, blog, Facebook, e-mail. Internet, google, Word, Power point, Prezzi, vídeos, jogos interativos, lousa digital, retroprojeter e data show, percebe-se assim, que foram assinaladas praticamente todas as opções do questionário. Vale aqui ressaltar que os alunos tinham como opções para assinalar Celular, whatsapp, notebook, tablete, blog, Facebook, instagram, videogame, e-mail, Twitter, internet, Google, Word, Power Point e Prezzi e os professores tinham como opções para assinalar Celular, Whatsapp, notebook, Tablete, Blog, Facebook, instagram, videogame, E-mail, Twitter, Internet, Google, Word, Power Point, Prezzi, Vídeos, jogos interativos, Lousa digital, Retroprojeter, data show.

Percebe-se desta forma que há uma disparidade de concessão nas respostas, pois os alunos afirmam que há menos aparatos e ferramentas tecnológicas utilizadas em sala de aula do que os professores. Estes apresentam respostas que condizem com todas as opções disponíveis no questionário. Vê-se assim, que os professores precisam reelaborar sua linguagem de hipermídia para a realidade, podendo assim, transpor conteúdos e incentivar a relação dos alunos com os meios tecnológicos oportunos para o momento de aprendizagem.

É satisfatório, aos olhos da pesquisa, a visão dos educadores no aspecto de que as tecnologias estar presentes na sala de aula, pois os educadores afirmam que

utilizam as mesmas em sala de aula e que elas fazem parte do planejamento e desenvolvimento das atividades educativas.

“As situações conflitantes que os professores são obrigados a enfrentar (e resolver) apresentam características únicas, exigindo, portanto características únicas: o profissional competente possui capacidades de autodesenvolvimento reflexivo (...) A lógica da racionalidade técnica opõe-se sempre ao desenvolvimento de uma práxis reflexiva” (Nóvoa (1997, p. 27).

Professores competentes devem buscar na oportunidade de mediação dos conteúdos, planejar estratégias de ensino que assegurem o pleno domínio da aprendizagem, como também a concessão de autonomia e reflexividade não somente da parte do aluno enquanto crítico de seu processo educativo, mas também de utilizar a criticidade como uma ferramenta a favor do professor, que tem em sua prática a clareza e o desejo de libertar o conhecimento estático e técnico, para uma construção autônoma, crítica e construtiva.

Já os alunos divergem no ponto de vista, pois dos 16 entrevistados, há 7 alunos que afirmam o uso das tecnologias na sala de aula e outros 7 dizem que elas não estão presentes. E dois alunos assinalaram tanto para sim como para não.

Considerando que na pergunta a seguir os alunos afirmam que as tecnologias utilizadas estão representadas acima, então gerando divergência entre os que colocam que as mesmas não estão presentes e, posteriormente, assinalam que elas existem em suas aulas. Pode-se perceber em dubiedade as respostas dos alunos. Essa situação esclarece o fato de que a questão central não é se a escola usa ou não as tecnologias, o fato é que os alunos mostram dois caminhos que denunciam a não eminência do uso dos aparatos em relação a ambiência que possuem.

Uma das questões aos professores era de quais artefatos tecnológicos a escola possui e tem disponível para uso do professor, sendo que as respostas obtidas foram: Professor A “Notebook, retroprojeto, laboratórios”. Professor B “Notebook, internet, data show, retroprojeto, vídeos, laboratório”. Professor C “Lousa, computadores, data show, laboratórios, internet, notebook, tablets, câmera digital, tv, som (mesa), retroprojeto”. Professor D “Internet, Data show, notebook”. Professor E “notebook, tablet, Facebook, internet, google, Word, Power point, vídeos, jogos, lousa digital, retroprojeto, data show”. Professor F “Os citados acima”. Professor G “Data show, internet, vídeos, retroprojeto”.

A escola possuindo artefatos tecnológicos e os professores dominando o uso dos mesmo, é característico de possibilidades de aulas tecnológicas, utilizando os aparelhos como forma de interação entre a informação e a forma de assimilar a este até transformá-lo em conhecimento.

A partir do questionário aplicado, entendemos ser relevante estudar o Projeto Político Pedagógico da escola, já este educandário foi uma das primeiras escolas do estado de Santa Catarina a contar com computadores, iniciando a aquisição no ano de 1993 para 1994. A evolução e aquisição de novos aparelhos vem crescendo anualmente e inserindo os educandos a estes espaço de interatividade. As tecnologias são ferramentas, que isoladas não fazem a diferença, o que agrega são os recursos computacionais e digitais que podem significar aprendizagem quando inseridos em um planejamento de aula que ele tenha potencialidade de significar aprendizagem, pois acredita-se que a partir da pedagogia da parceria interagindo há mais possibilidades de aprendizado.

É relevante constatar que a escola segundo o Projeto Político Pedagógico possui laboratórios de informática e utilizar os mesmos de forma a promover o conhecimento, são aspectos diferentes. Portanto, um laboratório sem uso não representa construção da aprendizagem, pois o pressuposto de aprendizagem é construir conhecimento, não absorvê-lo. E construção caracteriza participação, ação de estar como autor na caminhada dos saberes a partir de vivencias construtivas.

Ressalta-se aqui, que em momento algum, busca-se nesta dissertação colocar as tecnologias como “a” forma de aprendizagem interativa e participativa para a construção do conhecimento, mas sim como uma alternativa de interação e atividade na qual os alunos podem intervir e construir e que o laboratório não é o único local em que isso pode ocorrer.

Os professores afirmam ter laboratórios e outros artefatos que disponíveis e com preparação para utilização são um ponto favorável para a escola que está situada num espaço de tempo moderno, no qual vive-se em uma “sociedade líquida” termo cunhado por Bauman (2004), que expressa que os objetivos são vulneráveis às próprias ações humanas, mutáveis de acordo com as situações e mais líquidas, ainda, em relação aos contatos e sentimentos. Num momento histórico que acontecem diálogos e monólogos, relacionamentos virtuais, amizades tecladas e prazeres conectados, também se pode identificar a sociedade líquida.

E assim é numa cultura consumista como a nossa, que favorece o produto pronto para uso imediato, o prazer passageiro, a satisfação instantânea, resultados que não exijam esforços prolongados, receitas testadas, garantias de seguro total e evolução do dinheiro. A promessa de aprender a arte de amar é a oferta (falsa, enganosa, mas que se deseja ardentemente que seja verdadeira) de construir a “experiência amorosa” à semelhança de outras mercadorias, que fascinam e seduzem exibindo todas essas características e prometem desejo sem ansiedade, esforço sem suor e resultados sem esforço. (BAUMAN, 2004, p.11)

Bauman (2004), ao abordar as realidades líquidas ao qual se remete utilizar como uma das definições, afirma que as ações humanas podem também se caracterizar diante dos comportamentos dos educandos que, de acordo com a forma como são organizados e estipulados, são líquidos. Ou seja, não possuem idealizações predispostas, desejos humanos que saciem necessidades plausíveis e, sim, sentimentos momentâneos e genéricos transformados, vistos como necessidades absolutas.

Elucida-se aqui que para os alunos que frequentam atualmente as escolas e que são sujeitos não somente de uma geração diferenciada, mas também uma geração líquida, ou seja, não ter uma forma definida, uma ação reconhecida, um ideal de valores conservadores que servem como regra. É relevante pensar como o processo de aprendizagem e da ação didática age mediante este contexto para buscar aulas que sejam dinâmicas, com conteúdos relacionados e relevantes à vida.

Uma vez que os bens capazes de tornar a vida mais feliz começam a se afastar dos domínios não-monetários para o mercado de mercadorias, não há como os deter; o movimento tende a desenvolver um impulso próprio e se torna autopropulsor e autoacelerador, reduzindo ainda mais o suprimento de bens que, pela sua natureza, só podem ser produzidos pessoalmente e só podem florescer em ambientes de relações humanas intensas e íntimas (BAUMAN, 2009, p. 16).

E neste contexto social diversificado no qual a escola está inserida aguça dúvidas e possibilidades de como tornar os processos de ensino e aprendizagem assim como mostra a pesquisa sobre os alunos terem ambiência em tecnologias ou não, aposta na ideia de que professor e alunos precisam dialogar para que ocorra a aprendizagem. E para tal acredita-se que valorizando a ambiência que a maioria dos alunos pautam ter, pode-se gerar situações ricas de aprendizado, pois confirmando

o aluno possuir ambiência com as mesmas, utilizar as tecnologias fará com que seja um aprendizado mais real e próximo ao aluno, pois crendo que para ele há uma significância a utilidades de tecnologias na vida cotidiana, trazendo elas para a escola terá mais proximidade e condições ricas para gerar de forma mais interativa aprendizagens. Crendo nisso e bem como afirma Silva (2008)

A incorporação de novas tecnologias à escola exige que professor e aluno saibam o que fazer com elas, para que adquiram sentido nas práticas realizadas em aula e possam efetivamente contribuir para que a aprendizagem, isso porque a maioria das tecnologias educativas não garante a atividade do aluno. Assim, o que pode parecer novo, na verdade, representa um retorno ao método tradicional, condenado por inúmeras razões, uma delas a passividade do aluno, tratado como receptor, tábula rasa. (SILVA, 2008, p. 35)

Assim percebe-se que a tecnologia por si só não é garantia de aprendizado, como citado acima Silva, 2008 aponta a dúvida de o que fazer com as teologias é uma questão fundamental. Utilizar as mesmas como proposta de mudança necessita de conhecimento, objetivo e preparação para tal, do contrário a tecnologia não proporciona interatividade. Pois bem como é de conhecimento somente a tecnologia sem o propósito não há construção.

Os alunos que responderam ao questionário justificam que as tecnologias são utilizadas em suas aulas para “fins estudantil”; ”no laboratório de informática”; “com pesquisas para desenvolvimento de trabalhos”; “Em pesquisas e apresentações”, “As vezes para pesquisas de aula ou para trabalhos”.

Educação é uma prática social (como a saúde pública, a comunicação social, o serviço militar) cujo fim é o desenvolvimento do que na pessoa humana pode ser aprendido entre os tipos de saber existentes em uma cultura, para a formação de tipos de sujeitos de acordo com as necessidades e exigências de sua sociedade, em um momento da história de seu próprio desenvolvimento. (BRANDÃO, 2007, p.73)

A relação escolar, dar-se-á pela interação entre os sujeitos com o meio, com os educadores, com a informação, com o conhecimento, com o desafio, com a participação, com a tecnologia, com a criatividade na busca para atingir a troca, a relação interpessoal, ou seja, do eu com o outro.

Na interação pode ocasionar a troca objetivada e também a espontânea, através do diálogo e da própria observação concretiza-se o aprendizado. As tecnologias aparecem com a interação entre o sujeito e o aparato que proporciona a relação com outros seres, seja por mídias sociais, por publicações e descobertas. Então pode-se dizer de acordo com a afirmação de Libâneo (1994) que o processo educativo vem a ser

“o ato pedagógico pode ser, então definido como uma atividade sistemática de interação entre seres sociais tanto no nível do intrapessoal como no nível de influência do meio, interação esta que se configura numa ação exercida sobre os sujeitos ou grupos de sujeitos visando provocar neles mudanças tão eficazes que os tornem elementos ativos desta própria ação exercida. Presume-se aí, a interligação de três elementos: um agente (alguém, um grupo, etc.), uma mensagem transmitida (conteúdos, métodos, habilidades) e um educando (aluno, grupo de alunos, uma geração.” (LIBÂNEO, 1991 p.56).

Acreditando que a educação é essa troca de conhecimentos que objetiva o aprendizado como um todo (humano, cognitivo, social e interpessoal) é que as interações são consideradas ricas pela troca, entre os conhecimentos e habilidades dos sujeitos para com o objeto do conhecimento que aqui denomino o objeto como o objetivo de associar aprendizados às relações intra e extra escolares.

3.3.3 Preferências de metodologia de aprendizagem e a reação observada

Instigando os alunos e professores é possível relacionar formas de pensar e confrontar as afirmativas buscando analisar o que concordam e discordam sobre um mesmo tema ou assunto.

Ao ser questionado aos alunos sobre como gostariam que fossem suas aulas, os mesmos manifestaram-se da seguinte forma: aluno A “As aulas de matemática poderiam proporcionar matemática financeira uma vez por semana, pois os jovens de 18 anos estão se endividando por causa que não conseguem dar o giro”. Aluno B “Sempre com temas diferenciados e descontraídos não só em sala de aula”. Aluno C “Com menos trabalhos para fazer em casa mas com bastante trabalhos para fazer na aula”. Aluno D “Além das explicações feitas pelos professores, gostaria do uso da internet, mas apenas para estudo”. Aluno E “Algo interativo, não somente em sala de

aula”. Aluno F “mais dinâmicas”. Aluno G “Mais interessantes, que os professores buscam um modo de que os alunos ganhe sua atenção”. Aluno H “Mais interativas e dinâmicas, proporcionando materiais diferentes para o aprendizado que visam chamar a atenção dos alunos para o melhor aprendizado”. Aluno I “Já são ótimas”. Aluno J “Com mais aulas práticas e em ambientes abertos”. Aluno K “Um pouco mais criativas e com uso das tecnologias para obter informações maiores enquanto nas aulas”. Aluno L “Bom, com mais tecnologias seria melhor ou até mais fácil aprender, só sem perder o uso de livros, etc”. Aluno M “Com notebooks”. Aluno N “Com mais meios de pesquisa, todas as aulas com acesso á internet para pesquisas”. Aluno O “Com mais dinâmicas para melhor aprendizado e socialização. Mais acesso a internet com buscas alternadas para conhecimentos gerais”. O aluno P não respondeu a essa questão.

E aos professores pensando que “o aprender contínuo é essencial, se concentra em dois pilares: a própria pessoa, como agente, e a escola, como lugar de crescimento profissional permanente” (NÓVOA 2002, p. 23). No intuito de buscar interligar a relação da pergunta realizada aos alunos (Como gostaria que fossem suas aulas?) as respostas que os professores consideram sobre as tecnologias em sala de aula, visando perceber qual é o olhar dos professores sobre a aprendizagem com tecnologias foi questionado “Como os alunos reagem à aprendizagem com o uso das tecnologias?” e as respostas obtidas foram: Professor A “Apresentam mais interesse, mais atenção nas explicações”. Professor B” A visualização acham interessante porém se tiver muita liberdade no laboratório não sabem aproveitar o tempo com atividade construtiva”. Professor C “ao alunos reagem positivamente, inclusive pedem para utilizar mais, a final de contas, são ferramentas de domínio dos mesmos. A aprendizagem é muito mais significativa quando há uso das tecnologias”. Professor D “Muito bem. O uso das tecnologias”. Professor E “As aulas ficam diferenciadas e mais interessantes para o aluno”. Professor F “A maioria dos alunos tem domínio dessas tecnologias”. Professor G “bem”.

OLIVEIRA-FORMOSINHO (2007, p. 18-19) define que

A pedagogia da participação centra-se nos autores que constroem o conhecimento para que participem progressivamente, através do processo educativo, da (s) cultura(s) que os constituem como seres sócio-históricoculturais. A pedagogia da participação realiza um diálogo constante

entre a intencionalidade conhecida para o ato educativo e a sua prossecução no contexto com os autores, porque esses são pensados como ativos, competentes e com direito a co-definir o itinerário do projeto de apropriação da cultura que chamamos de educação.

O aluno aparecer como participante do seu processo de aprendizagem é assegurar o que Aranha, (2006, p. 32) afirma ao referir-se que “a educação não deve ser separada da vida nem é a preparação para a vida, mas é a vida mesma”, o aluno enquanto participante do processo de aprendizagem, interage, preocupa-se com o aprender, com o buscar e com construir saberes, pois ele sente-se ator do processo, e a caminhada depende da participação e dedicação dele para dar certo. Muito bem elucida Morin (2002, p. 55) quando diz que:

A complexidade humana não poderia ser compreendida dissociada dos elementos que a constituem: todo desenvolvimento verdadeiramente humano significa o desenvolvimento conjunto das autonomias individuais, das participações comunitárias e do sentimento de pertencer à espécie humana.

E isso nomeia-se participação, ação comunitária, social, na qual o envolvido sente-se e preocupa-se com o processo que vai seguir. fazer o aluno aprender a fazer e o estimula ao desenvolvimento de capacidades de liderança, convivência grupal e dedicação ao realizar. O aluno nessa perspectiva de participação sente-se responsável pelo processo que está fazendo parte e além de preocupar-se com seu aprendizado necessita a convivência ampliando relações, conforme afirma Delors (2001, p. 93):

Aprender a fazer não pode, pois, continuar a ter o significado simples de preparar alguém para uma tarefa material bem determinada, para fazê-lo participar do fabrico de alguma coisa. Como consequência, as aprendizagens devem evoluir e não podem mais ser consideradas como simples transmissão de práticas mais ou menos rotineiras, embora estas continuem a ter um valor formativo que não é de desprezar.

Aprender considerado do ponto de vista de ser um ato rico de trocar, deve permitir que a construção seja impressa a partir da interação e participação, pois a interação é a ação entre o eu e o objeto e a participação é a ação de participar, de fazer-se presente e não apenas de estar presente. Sentir prazer no que está realizando é parte de um aprendizado desejável, sentir que seu mundo está na escola acresce segurança, pois uma educação dialógica é uma educação que

permita o novo, o desafio de fazer diferente, de tentar buscando almejar a melhor forma de aproximar-se do conhecimento.

Quanto as tecnologias permeiam as trocas entre a proposta de aprendizado e a construção deste é que há uma interação mediada entre o objeto do ato pedagógico com o meio tecnológico a fim de construir uma ação colaborativa que vá de acordo com o objetivo da cibercultura, que é a socialização, o espaço conectado, assim constituindo o aprendizado como um comportamento social e não uma prática isolada, pois acreditando que educação é uma ação, a troca e participação fazem com que a mesma torne-se um ato social, de crescimento individual (busca e pesquisa) e socialização que resulta na interação com a informação, a construção do conhecimento e a socialização da mesma.

3.3.4 Tecnologias na escola: uma possibilidade apreciada por educadores

Quando perguntado aos professores se acreditam que as tecnologias podem estar na escola para auxiliar a aprendizagem, a resposta obtida pelos 7 participantes responderam de maneira favorável.

E ao serem questionados do por que acreditar que favorece a aprendizagem, observou-se que as respostas foram: professor A “Não somente podem como devem estar na escola, pois a sociedade, as tecnologias, tudo transforma-se muito rapidamente e para acompanhar os alunos com o uso das tecnologias, torna-se necessário para aprimorar as aulas, torná-las mais interativas e proveitosas”. Professor B “ Facilita a visualização e visitar através das tecnologias lugares de difícil acesso no momento”. Professor C “Todos adoram tecnologia, então ganhamos mais atenção deles, quando usamos tecnologia ou deixamos usar. Também pela forma que conseguimos apresentar por um projetor o que não se consegue em quadro negro, isso ajuda muito no entendimento de conceitos, etc...”. Professor D “Para auxiliar na aprendizagem”. Professor E “Sim! Porque no mundo globalizado de hoje é muito importante o uso de todas essas tecnologias”. Professor F “Porque a tecnologia está presente no cotidiano dos alunos, portanto devem sim com responsabilidade ser utilizados para auxiliar no processo ensino aprendizagem dos alunos”. Professor G “Tornam o aprendizado mais prazeroso”.

Considerando as opiniões expressadas acima nas quais os educadores justificam o porquê de serem favoráveis aos propósitos da tecnologia nas escolas,

acentuando que é uma geração não de nativos digitais, mas sim de imigrantes digitais que defendem o uso dos aparatos e instrumentos tecnológicos na escola.

Kenski, 2011 firma que:

O uso criativo das tecnologias pode auxiliar os professores a transformar o isolamento, a indiferença e a alienação com que costumeiramente os alunos frequentam as salas de aula, em interesse e colaboração, por meio dos quais eles aprendam a aprender, a respeitar, a aceitar, a serem pessoas melhores e cidadãos participativos. (KENSKI, 2007, p. 103)

Confirmando o aspecto de que os professores estão conscientizados da ambiência dos alunos e vêem o uso das mesmas como algo que pode vir a favorecer as aprendizagens da geração que atualmente está na escola.

Percebem que os alunos no cotidiano utilizam as mesmas como meio de interação, mas não as citam com esse objetivo para a aprendizagem. A tecnologia apresenta-se como um meio de pesquisa e um desejo de tornar a aula algo “prazeroso”, subtende-se então, que as tecnologias ao ponto de vista dos educadores é uma forte aliado para o processo de ensino, mas a utilidade da mesma, fica vaga, quando permite que ela apenas sirva como uma forma diferente de passar conteúdos (slides), e também como ferramenta de pesquisa, no qual o aluno busca conceitos. Neste aspecto ele está atuando como participante, mas o que ele realiza com esse conhecimento, geralmente fica em um trabalho impresso, não uma socialização para levar as produções da escola ao mundo.

Para que ocorra o uso criativo das tecnologias também pressupõe-se que como salienta CARVALO (2005)

a qualidade de ensino para pela lógica de que para o professor ensinar, não basta experiência, tem que estudar. De certo modo, é a sua formação que determina a sua relação com o estudo e ensino. Pode-se concluir, pois, que não há educação de qualidade, tampouco um bom professor, se ele não estudar. (Carvalho, 2005, p. 89).

Acreditando que a educação é uma ação emancipatória e compreendendo que os desafios para os educadores ocorre por diversos fatores, como a organização social, a realidade socioeconômica e familiar dos alunos influencia para o bom desenvolvimento do processo educativo, as crenças, valores, ou seja, a bagagem de cada um influencia e é pensada no processo da prática pedagógica consciente, mas também os agravantes sociais como as mudanças da forma de ver

o mundo e interagir com ele difundem-se no espaço escolar. E o professor como ser humano, precisa e deve estar sempre em constante formação, pesquisa e curiosidade, porque conforme os alunos vão chegando á escola com eles novas realidades se configuram, novas necessidades emergem e somente com a formação contínua é que o professor estará preparado e seguro para oferecer subsídios didáticos e interativos aos seus educandos.

Como bem salienta Freire “educação que, desvestida da roupagem alienada e alienante, seja uma força de mudança e de libertação” (FREIRE, 2007, p.44), a educação é um propósito de emancipação humana e social. É na crença que a educação faz a diferença nas pessoas e estas no mundo que ocorre o processo de educação humanizadora, permitindo que o aluno visualize meios de modificar o que não está saudável em sua realidade e perceba novas perspectivas de vida.

E percebendo através do questionário que os professores possuem aceitividade para o novo é necessário que a formação, quer seja a nível de rede, de escola ou pessoal ocorra continuamente, pensando na educação como uma perspectiva de construção. E também acredita-se que o professor que não está alienado, mas pelo contrário aberto ao novo pode redefinir traços e contribuir para novos escritos em educação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS E CAMINHOS FUTUROS

Após leituras, escritos, análises pensa-se que muito pode-se construir e muito há para pesquisar, ler e escrever. E nestas considerações finais muitas novas reflexões irão surgir despertando o desejo de descobrir novas maneiras de atuar como educador, pensante, crítico e preocupado com a educação. Descortinar saberes é o que move uma pesquisa, e nas escritas que seguem os descortinamentos apresentados buscam dar respaldo aos questionamentos iniciais de uma pesquisa que almejou construir conhecimentos e gerar novas perguntas sobre a ação pedagógica no contexto presente e os desafios encontrados nela, considerando o olhar do aluno e do professor na perspectiva da sociedade cibercultural.

A presente pesquisa faz parte de um processo de estudo dentro da linha de “formação de professores” e apesar de acreditar enquanto autora que a aula interativa atrelada ao uso das tecnologias age como parceira no processo de ensino e aprendizagem pauta-se em todos os escritos, fundamentados neste escritos o foco principal deste estudo que é permear a educação enquanto reflexão sobre o ensino significativo, a certeza de que o professor é o grande motivador para o processo educativo e que o ensino deve trazer sentido à vida, com conteúdos do cotidiano do aluno. atendendo as necessidades dos educandos para que os conhecimentos sejam comuns e significativos à vida humana, educacional e social dos que fazem parte da escola.

A sociedade organizada da forma como está, os alunos chegando ao espaço escolar providos de meios de busca de informações, os cidadãos como um todo mais informados e em meio a isso a educação apresenta-se como uma vitrine e isso exige cada vez mais do professor saberes e desafios como: ter domínio das áreas do conhecimento do currículo escolar; conhecer seus alunos, suas vidas, histórias e culturas, conhecer como aluno aprende.

A partir do olhar do professor se processa a aprendizagem, na qual o educador poderá agir observando de forma planejada para entender a diversidade cultural usando isso como recurso nas relações entre professor/aluno, criar espaços de trocas de experiências, nos quais a vivência processual do projeto pedagógico da escola, sem esquecer de sua prática interdisciplinar.

O educador tem sido desafiado a saber ser e saber fazer. Ter compromisso, envolvimento, engajamento e construir uma prática coletiva. Ele necessita ter o pleno domínio do conhecimento a ser trabalhado, buscar novas alternativas metodológicas e um novo saber fazer, mediar as relações pedagógicas, a apropriação criativa para a produção do conhecimento. Pois como Bauman (2004) cita, vivemos tempos líquidos, relações líquidas, sociedades líquidas, tudo está em constantes mudanças.

A sociedade da forma como está organizada, se insere em um mundo conhecido como “tecnologicamente conectado” e a escola está neste processo não de forma inerte, muito pelo contrário, a escola é um espaço de trocas e conexões entre seres, o que é denominado como cibercultura, que é o novo, uma forma diferente de visualizar o que estava posto, e nela a aplicabilidade tecnológica permite mais trocas, interações, produções, agilidade e dinamicidade nas ações.

O elo entre as relações no espaço cibercultural é a liquidez como os processos de construção de conhecimento, diálogos, pensares e relações ocorrem, necessitando cada vez mais de instrumentos que possibilitem a dinamicidade com que as relações humanas se constroem dentro deste espaço de informações e trocas. E para tratar destas relações ciberculturais, o artefato “tecnologias” ganha seu espaço.

A referência feita às tecnologias entende-se a partir do pressuposto de Vargas (1994, p. 225), que denomina a tecnologia como “aplicação de teorias, métodos e processos científicos às técnicas”. Já Grinspun (1999, p. 49) denomina que “a tecnologia envolve um conjunto organizado e sistematizado de diferentes conhecimentos, científicos, empíricos e até intuitivos voltados para um processo de aplicação na produção e na comercialização de bens e serviços”. Ou seja, as tecnologias são formas organizadas de inovar ideias, a fim de facilitar e tornar a vida humana mais prática. Tais conceitos chegaram à escola e ampliaram as discussões sobre as tecnologias em sala de aula.

O aluno enquanto ser ativo, na interação com tecnologias e comunicação digital, pode ser a chave do processo, que é a ação pedagógica realizada de forma dialógica com os educandos e o meio em que vivem. Mais do que aulas dinâmicas, os alunos necessitam ser coautores da sua aprendizagem e o professor, a autoridade nesta mediação.

É relevante também, olhar para as tecnologias que as escolas possuem, sendo digitais ou não, porque enquanto ferramenta elas sempre estiveram presentes na escola, tudo o que é novo é uma tecnologia para determinado período, e além disso, a preocupação reside, também, em estudar a realidade e contribuir cientificamente para levar à escola a possibilidade de uma prática com tecnologias digitais.

No contexto de cibercultura, encontram-se os alunos, que na grande maioria, na vivência social, são ambientados às tecnologias. No tocante, há uma “divergência”: os alunos usam as tecnologias digitais em sua vida social, mas na escola a mesma nem sempre são entendidas como possível de usabilidade.

E é visto que há uma grande diferença no ponto de vista das tecnologias como interação social, cotidiana e usual e a mesma no processo educativo. Na escola os alunos que afirmaram ser ambientados com as mesmas, não possuem um olhar de utilizar as mesmas como ferramentas de ensino, não como uma forma de produção e comunicação com o mundo numa perspectiva de construção científica, aprendizagem e dinamicidade.

No atual cenário da educação, percebe-se que uma nova geração de educandos estão fazendo parte daquele que é a busca da humanidade: o conhecimento que quando chega de forma atraente e que tem a intenção de cativar e ser cativado interage tanto com o professor quanto com o aluno. Para Freire (1996), tal processo de ensinar exige alegria e esperança. Acrescenta-se também que além de alegria e esperança é necessário ter entusiasmo, vontade e desejo de ensinar.

Tão importante quanto este desejo de ensinar é saber o que irá ensinar e qual o objetivo desse ensino. Ensino e aprendizagem constroem-se juntos, é preciso o professor aprender para poder oportunizar que o aluno aprenda. Para que isso ocorra, o professor pode utilizar de diversas formas, pois os meios que ele utilizará são desafios aos educandos e às suas próprias perspectivas.

Como afirma Pimentel “a formação do professor se dá enquanto ensina. Não posso deixar de afirmar que me eduquei educando”.(1996, p. 16), assim quando o professor e ao aluno dialogam sobre o conhecimento, ocorre a troca de saberes e a pedagogia da parceria, momento este que o aluno atua como participante do seu processo e sente-se escritor da sua própria história.

Acredita-se que as tecnologias na escola, quando utilizadas de forma pensada e planejada podem vir a agregar no processo educativo, pois elas permitem que ocorra a socialização de conhecimentos e a construção de novos saberes. Porém utilizar as tecnologias bem como qualquer outra metodologia de ensino é responsabilidade, pois o aparato tecnológico sem uma finalidade válida é apenas um objeto, mas quando nele as intenções são colocadas ele torna-se um instrumento de construção e compartilhamento.

Nem tudo o que há na grande rede é saudável, para tal é basilar que o educador conheça o que irá propor aos seus alunos e como fará com que isto ocorra. Assim terá mais chances de aproximar seus objetivos do sucesso.

A partir destes pressupostos e com o recebimento das respostas dos alunos e professores, pode-se perceber que ambos concordam que as tecnologias na atualidade estão evidentes. Os professores acreditam que os alunos possuem ambiências e estes confirmam que utilizam das tecnologias.

Os educadores apresentam-se abertos para o uso das mesmas, e acreditam que como as mudanças ocorrem a escola também precisa estar continuamente se atualizando, pois a sociedade é formada pelos integrantes do espaço escolar e vice-versa. Vale aqui ressaltar que não basta trazer a tecnologia para a sala, é necessário prever o objetivo de utilidade da mesma e possibilitar ao educando a construção do conhecimento com seu ferramental.

Pensando que a tecnologia é um aparato que necessita manuseio para prover interação, também é necessária suporte de formação para isso, pois os professores não são obrigados a dominar todos os meios de ensino, mas é necessário que haja domínio básico do que irá propor, pois como Salienta Freire (2000) “na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática” (p. 43), ou seja, na consciência do que propõe é de conhecimento que deve haver domínio do que almeja.

Constata-se que os alunos e professores mencionam as tecnologias como uma ferramenta de pesquisa e apresentação de conhecimentos, e sabe-se que o objetivo maior da utilização das tecnologias é prover a interação, a construção do conhecimento e a socialização do mesmo, caracterizando assim a cibercultura.

Em nenhum momento da pesquisa os alunos ou os professores mencionam desejo de interagir com elas, colocam como ideias aulas mais dinâmicas, mais pesquisa, apresentação de imagens e filmes, mas não aparecem os aspectos

interativos como aspiração. Também não nota-se que aparatos digitais como celular, tablet, e meios de comunicação digital como blog, paginas da web aparecem como possibilidade de trabalho escolar.

Para tanto, considera-se que a educação está com um olhar receptivo para os meios tecnológicos, e que os envolvidos enquanto “geração de nativos digitais”, concordam fazer uso das mesmas cotidianamente. Os professores estão conscientes das transições sociais e que elas se refletem no espaço escolar.

Educadores percebem as tecnologias como uma inclusão á realidade e também para a dinamicidade das aulas. Os alunos aceitam que as tecnologias facilitam o acesso ás informações.

E coloca-se em questão como as tecnologias sendo objetos de interação aparecem na escola como ferramentas de pesquisa, visualização e deixam de lado a interação?.

Caminhos futuros

O estudo em questão descortinou horizontes e é necessário nesta visão como constante pesquisadora buscar novos olhares a “velhas questões”.

Certamente a questão inicial que era o objetivo de Refletir sobre a prática docente em um contexto cibercultural, a fim de perceber sob o olhar do aluno e do professor, em que medida a ação pedagógica leva em consideração a ambiência com as tecnologias e como elas podem auxiliar na aprendizagem, apresentam-se com novas questões problematizadoras que suscitam deste estudo. Se os alunos são ambientados, como podemos aproveitar melhor tais saberes próprios dessa geração em rede? O professor pode buscar mais sobre as didáticas com uso de ferramental que propicie mais interação. Afinal, quanto mais os alunos participarem mais eles aprenderão.

É preciso ouvir alunos e professores e fazê-los refletir sobre como estudar, como aprender melhor. É necessária uma formação docente que estimule ao interesse, a curiosidade e o pensar no novo, nos educadores a fim de gerar nos alunos uma desacomodação sobre o que possuem, instigando o desejo de buscar mais e participar, serem críticos e atuantes.

Olhar a educação com olhos de emancipação, selecionar o que é saudável que está disponível em rede, e proporcionar aos alunos e formação de professores visões construtivas de como os aparatos tecnológicos podem vir a ser ferramentas de construção, interação e produção.

Portanto, pode-se concluir que há uma geração conectada que possui ambiência com as tecnologias, mas não as vê com aplicabilidade interativa na escola. Considera-se que as tecnologias na educação estão sendo vistas com bons olhos, mas de forma periférica, pois ainda não estão sendo percebidas como instrumentos de aula propriamente ditos. Para tal esta pesquisa contribui aos olhares de que a educação necessita pautar-se em formação aos professores baseadas nas necessidades reais da escola bem como o incentivo de parceria nas aulas, pois acredita-se que a educação atingirá níveis maiores de qualidade quando houver troca entre educadores e educandos. Com uma geração ambientada nas tecnologias as aulas podem acontecer de forma construtiva, integrando informações que objetivarão ser convertidas em conhecimentos e esses compartilhados, oportunizando que outras pessoas leiam, reflitam e dialoguem sobre o que é realizado nas escolas, sempre tendo como perspectiva uma prática inovadora que busque sob os olhares da criatividade a construção interativa do conhecimento.

Finaliza-se estes escritos desejando que eles serão compartilhados, lidos e analisados oportunizando á educação saudáveis percursos futuros.

REFERÊNCIAS

Almeida, Maria Elizabeth Bianconcini de; Valente, José Armando. **Integração Currículo e Tecnologias e a Produção de Narrativas Digitais**. In Currículo sem Fronteiras, v. 12, n. 3, p. 57-82, Set/Dez 2012 ISSN 1645-1384. Acesso em 20/março2016. In <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol12iss3articles/almeida-valente.pdf>

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofia da Educação**. São Paulo. Moderna, 2006.

ARROYO, Miguel G. **Ofício de Mestre**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed, 2004.

_____. **Arte da vida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

_____. **Vivemos tempos líquidos. Nada é para durar**" In: Revista Isto É On Line de 24 de setembro de 2010. Disponível em: http://www.istoe.com.br/assuntos/entrevista/detalhe/102755_VIVEMOS+TEMPOS+LIQUIDOS acesso em 04 de março de 2016

BRANDÃO, C.R. **O que é educação**. Editora Brasiliense, coleção primeiros Passos. São Paulo, 2007.

CARR, N. **A geração superficial: o que a Internet está fazendo com nossos cérebros**. Rio de Janeiro: Agir, 2011.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede: a era da informação: economia, sociedade e cultura**. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CARVALHO, Ademar de Lima. **Os caminhos perversos da educação:** a luta pela apropriação do conhecimento no cotidiano da sala de aula. Cuiabá: Edufmt, 2005.

CERUTTI, Elisabete; GIRAFFA, Lucia Maria Martins. **Concepção do aluno em relação à docência nos cursos de licenciatura em tempos de cibercultura.** 2014. 122p. Tese. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

CERUTTI, Elisabete; GIRAFFA, Lucia Maria Martins. **Uma nova juventude chegou á universidade:** e agora, professor?. 1 ed. Curitiba/PR: CRV, 2015.

CHIZZOTTI, Antonio. **A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais:** evolução e desafios. Revista Portuguesa de Educação. Braga/Portugal, v. 16, n. 2, 2003. Acesso em: 15 de maio de 2015

CORTELLA, M. S. **A escola e o conhecimento:** fundamentos epistemológicos e políticos. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2006.

CUNHA, M. V. **Psicologia da Educação.** Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

DELORS, Jacques. **Educação:** Um tesouro a descobrir. 8. ed. Tradução José Carlos Eufrásio. São Paulo: Cortez, Brasília: MEC/UNESCO, 2003

DEMO, P.; **Introdução à metodologia da ciência.** 2ª Edição. São Paulo. Editora Atlas S.A. 1987. 118 p.

FAGUNDES, Lea; HOFFMAN, Daniela. **Cultura digital na escola ou escola na cultura digital?.** Rio de Janeiro.- RJ. V. 6 N° 1, Julho, 2008

FRAGOSO, Suely. **De interações e interatividade.** In Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 10., 2001, Brasília. Anais. Brasília, Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **A Educação na Cidade**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2000. 144 p.

_____. **Educação e mudança**. 30ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

_____. **Educação como prática da liberdade**. 30. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

GRINSPUN, Mírian Paura Sabrosa Zippin. **Educação Tecnológica: desafios e perspectivas**. São Paulo, Ed. Cortez, 1999.

KENSKI, V. M. **Pessoas conectadas, integradas e motivadas para aprender... em direção a uma nova socialização na educação**. 24ª Reunião Anual da ANPED. Caxambu/MG. Grupo de Trabalho: educação e comunicação – DEZ ANOS, p. 11-32, 2001.

KENSKI, Vani M. **Tecnologias e Ensino Presencial e a Distância**. Campinas, SP: Papirus, 2008.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. Campinas- SP: Papirus, 2007

LAUER, Caio. **A chegada da geração Z no mercado de trabalho**. 2011. Disponível em <http://www.catho.com.br/carreira-sucesso/noticias/a-chegada-da-geracao-z-no-mercado-de-trabalho> . Acesso em maio de 2015.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999

LIBÂNIO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1991.

LIMA JÚNIOR, Arnaud Soares de. **Tecnologias inteligentes e educação: currículo hipertextual**. Rio de Janeiro: Quartet; Juazeiro, BA: FUNDEF, 2005

LIMA, Roberto Marcio. **CIBEREDUCAÇÃO: TENSÕES, REFLEXÕES E DESAFIOS.** Cadernos da Pedagogia. São Carlos, Ano 5 v. 5 n. 10, p. 18-29, jan-jun 2012 ISSN: 1982-4440.

MASETTO, Marcos T. Mediação pedagógica e o uso da tecnologia. In: _____. MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica.** 12 ed. Campinas: Papyrus, 2000. 173p.

MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade.** Petrópolis: Vozes, 1994. 17 ed.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva: Jeanne Sawaya, 6. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

NASCIMENTO. Anna Christina Theodora Aun de Azevedo. A integração das tecnologias às práticas escolares. In: **TIC Educação 2012: pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nas escolas brasileiras.** BARBOSA, Alexandre F. SEXTON, Karen Brito (org.) – São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2012.

NÓVOA, Antonio. **Formação de professores e trabalho pedagógico.** Lisboa/Portugal: Educa, 2002.

_____. (coord). **Os professores e sua formação.** Lisboa-Portugal: Dom Quixote, 1997.

_____. **Os Professores e a sua formação.** Lisboa: Dom Quixote, 1995.

_____. **Os professores na virada do milênio: do excesso dos discursos à pobreza das práticas.** Educação e Pesquisa. São Paulo, v. 25, n. 1, p. 1-15, jan/jun.1999.

OLIVEIRA, Sidnei. **Geração Y: Era das Conexões, tempo de Relacionamentos**. São Paulo: Clube de Autores, 2009.

OLIVEIRA-FORMOSINHO. J; KISHIMOTO, T. M; PINAZZA, M. A. **Pedagogia(s) da Infância: Dialogando com o Passado, Construindo o futuro**. Porta Alegre: Artmed, 2007.

PIMENTA, Selma Garrido; ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos. **Docência no ensino superior**. São Paulo: Cortez, 2002.

PIMENTEL, M. da G. **O professor em construção**. 9 ed. Campinas: Papyrus, 1996.
PRENSKY, Marc. **Digital Natives, Digital Immigrants**. MCB University Press, 2001.
Traduzido por Roberta de Moraes Jesus de Souza. In: http://www.colegiongeracao.com.br/novageracao/2_intencoes/nativos.pdf acesso em out, 2014.

PRENSKY, Marc. **Não me atrapalhe, mãe – Eu estou aprendendo!** São Paulo: Phorte, 2010. 320 p.

RÜDIGER, Francisco. **As teorias da cibercultura: perspectivas, questões e autores**. Porto Alegre: 2^a edição, Sulina, 2013.

SAÉNZ, Tirso W.; GARCÍA CAPOTE, Emílio. **Ciência, inovação e gestão tecnológica**. Brasília: CNI/IEL/SENAI/ABIPTI, 2002. 136p.

SASSAKI. **Paradigmas da Inclusão**. Revista Inclusão, out. 2002.

SCHEID, N. M. J.; MEURER, C. F. WENZEL, J. S. GUT, M. T. **Educação continuada de professores com uso de ambiente virtual de aprendizagem: aportes, limites e desafios**. Memórias da Octava Conferencia Iberoamericana en Sistemas, Cibernética e Informática (CISCI) e VI Simposium Iberoamericano en Educación, Cibernética e Informática (SIECI). Orlando, Flórida (EUA), 10 al 13 de julho de 2009, p. 93-98

SHINYASHIKI, EDUARDO. **Educação e as crianças da geração Z.** 2009. Disponível em: <http://www.administradores.com.br/informe-se/informativo/educacao-e-as-criancas-da-geracao-z/26948/>. Acesso em: 14 maio. 2015.

SILVA, Edileuza Fernandes da. A Aula no contexto histórico. In: **Aula: gênese, dimensões, princípios e práticas.** VEIGA, Ilma de Alencastro (org.). Campinas, SP: Papyrus, 2008.

SILVA, Marcos. **Sala de aula interativa.** ed. Quartet, Rio de Janeiro, 2000.

SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros.** 2a ed., Belo Horizonte: autêntica, 2002.

SOARES, Magda. **Letramento e escolarização.** In: Letramento no Brasil, reflexões a partir do INAF 2001 (org.) Vera Massagão Ribeiro – 2ª Ed. – São Paulo, Global , 2004

TARDI F, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional.** Petrópolis: Vozes, 2002.

Teixeira, Adriano Canabarro. **Inclusão digital** : novas perspectivas para a informática educativa / Adriano Canabarro Teixeira. – Ijuí : Ed. Unijuí, 2010. – 152 p.

TEIXEIRA, Anísio. **Educação e o mundo moderno.** 2ªed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1977. 245.

TEIXEIRA, Elenaldo Celso. **O Papel das Políticas Públicas no Desenvolvimento Local e na Transformação da Realidade.** Revista políticas públicas, 2002 - AATR-BA.

TOFFLER, Alvin. **Criando uma nova civilização: A política da terceira onda.** Rio de Janeiro: Record, 1995.

TORNAGHI, Alberto. **Escola faz tecnologia, tecnologia faz escola.** Rio de Janeiro: COPPE/UFRJ, 2005.

UNESCO-BRASIL – **Comunicação e Informação - Tecnologias para a Educação.**
Disponível em
http://www.unesco.org.br/areas/ci/areastematicas/ticsparaeducacao/index_html/mostra_documento. Acesso em 16 de nov. de 2014.

VALENTE, J.A. **Pesquisa, comunicação e aprendizagem com o computador. O papel do computador no processo ensino-aprendizagem.** Boletim do Salto Para o Futuro. Série Integração das Tecnologias na Informação. Brasília: Secretaria de Educação a Distância – Seed. Ministério da Educação, 2005.

VALENTE, José A. **Os diferentes usos do computador na educação.** In: _____. (ORG.). Computadores e conhecimento: repensando a Educação. Campinas: UNICAMP, 1992-1993.

VALENTE, José Armando (org). **O computador na Sociedade do Conhecimento.** Campinas: UNICAMP/NIED, 1999.

VARGAS, Milton (Org.) **História da técnica e da tecnologia no Brasil.** São Paulo, Ed. Unesp: Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, 1994.

ZANUTTO. SILVIA HELENA FIRMINO. **HIPERMÍDIA:** Novo formato para o conhecimento. São Paulo, 2007. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Presbiteriana Mackenzie - 2007

WALLON. H. **A evolução psicológica da criança.** 70 ed. Lisboa. 1994

APÊNDICES

Apêndice I

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA OS SUJEITOS DA PESQUISA

Informações para o (a) participante voluntário (a):

Você está convidado (a) a responder este questionário anônimo que faz parte da coleta de dados da pesquisa que não visa fins lucrativos e está sob o tema “**A ação pedagógica no contexto cibercultural, da ambiência do aluno à prática do professor**”, com o de refletir sobre a prática docente em um contexto cibercultural, a fim de perceber sob o olhar do aluno e do professor, em que medida a ação pedagógica leva em consideração a ambiência com as tecnologias e como elas podem auxiliar na aprendizagem, que está sob a responsabilidade da pesquisadora Ana Paula Baldo. Esta pesquisa visa utilizar os questionários atrelados aos conteúdos teóricos buscando compreender se alunos e/ou professores consideram a ambiência tecnológica como um instrumento de ensino e aprendizagem. Caso você concorde em participar da pesquisa, leia com atenção os seguintes pontos: a) você é livre para, a qualquer momento, recusar-se a responder às perguntas que lhe ocasionem constrangimento de qualquer natureza; b) você pode deixar de participar da pesquisa e não precisa apresentar justificativas para isso; c) sua identidade será mantida em sigilo; d) caso você queira, poderá ser informado (a) de todos os resultados obtidos com a pesquisa, independentemente do fato de mudar seu consentimento em participar da pesquisa. Vital ressaltar que o objetivo desta pesquisa é estudo e construção de referencial teórico e não aplicação de benefícios aos envolvidos com os questionários. Não ocasiona desconforto aos participantes por não envolver perguntas de caráter pessoal e sim profissional, reforçando que não há identificação dos participantes em momento algum da pesquisa. Os participantes serão identificados por letras alfabéticas e em momento algum serão divulgados disciplina de titularidade do professor ou nome. Tal termo de aceite é emitido em duas vias, sendo uma de autorização para o pesquisador e um de garantia de sigilo e de não haver riscos de identificação ou prejuízo moral ao participante.

Frederico Westphalen, outubro de 2015.

Pesquisadora: Ana Paula Baldo
Contato: anab_paula@yahoo.com.br

Orientadora: Elisabete Cerutti

Apêndice II

Questionário alunos

Ano de nascimento: _____

1. Quais tecnologias/ meios de comunicação virtual usa em seu dia-a-dia?

- | | |
|---|---|
| <input type="checkbox"/> Celular | <input type="checkbox"/> e-mail |
| <input type="checkbox"/> WatsApp | <input type="checkbox"/> <u>twitter</u> |
| <input type="checkbox"/> Notebook | <input type="checkbox"/> internet |
| <input type="checkbox"/> Tablet | <input type="checkbox"/> google |
| <input type="checkbox"/> Blog | <input type="checkbox"/> word |
| <input type="checkbox"/> facebook | <input type="checkbox"/> power point |
| <input type="checkbox"/> Instagram | <input type="checkbox"/> Prezzi |
| <input type="checkbox"/> videogame | |
| <input type="checkbox"/> outros. Quais? _____ | |

2. Quais destas aparecem em suas aulas ou é permitido o uso?

- | | |
|---|---|
| <input type="checkbox"/> Celular | <input type="checkbox"/> e-mail |
| <input type="checkbox"/> WatsApp | <input type="checkbox"/> <u>twitter</u> |
| <input type="checkbox"/> Notebook | <input type="checkbox"/> internet |
| <input type="checkbox"/> Tablet | <input type="checkbox"/> google |
| <input type="checkbox"/> Blog | <input type="checkbox"/> word |
| <input type="checkbox"/> facebook | <input type="checkbox"/> power point |
| <input type="checkbox"/> Instagram | <input type="checkbox"/> Prezzi |
| <input type="checkbox"/> videogame | |
| <input type="checkbox"/> outros. Quais? _____ | |

2.1 Os professores proporcionam o uso destas tecnologias?

- Sim Não

Se sim como? _____

2.2 Em quais disciplinas elas aparecem?

3. Como você gosta de aprender? E como você aprende melhor? Descreva.

4. Dê uma opinião: como você gostaria que fossem suas aulas?

Apêndice III

Questionário Professores

Atua como professor desde: _____

01. Você trabalha com tecnologias nas aulas?

sim

não

Se sim, continue

02. Quais tecnologias você utiliza no seu cotidiano?

Celular

google

WatsApp

word

Notebook

power point

Tablet

Prezzi

Blog

vídeos

facebook

jogos interativos

Instagram

Lousa Digital

videogame

Retroprojektor

e-mail

data show

twitter

internet

outros. Quais? _____

03. Quais tecnologias você utiliza em sala de aula?

Celular

internet

WatsApp

google

Notebook

word

Tablet

power point

Blog

Prezzi

facebook

vídeos

Instagram

jogos interativos

videogame

Lousa Digital

e-mail

Retroprojektor

twitter

data show

outros. Quais? _____

3.1. Em que local costuma fazer uso:

Sala de aula

Laboratórios

Outro. Qual? _____

04. Quais artefatos tecnológicos sua escola possui e tem disponível para uso do professor?

05. Como os alunos reagem à aprendizagem com o uso das tecnologias?

06. Qual o motivo que move você ao uso das Tecnologias em suas aulas?

07. se desejar, cite experiência(s) sobre o uso das tecnologias.

07. Quais tecnologias você acredita que seus alunos usam no cotidiano?

- | | |
|---|---|
| <input type="checkbox"/> Celular | <input type="checkbox"/> internet |
| <input type="checkbox"/> WatsApp | <input type="checkbox"/> google |
| <input type="checkbox"/> Notebook | <input type="checkbox"/> word |
| <input type="checkbox"/> Tablet | <input type="checkbox"/> power point |
| <input type="checkbox"/> Blog | <input type="checkbox"/> Prezzi |
| <input type="checkbox"/> facebook | <input type="checkbox"/> vídeos |
| <input type="checkbox"/> Instagram | <input type="checkbox"/> jogos interativos |
| <input type="checkbox"/> videogame | <input type="checkbox"/> Lousa Digital |
| <input type="checkbox"/> e-mail | <input type="checkbox"/> Retroprojektor |
| <input type="checkbox"/> <u>twitter</u> | <input type="checkbox"/> data show |
| | <input type="checkbox"/> outros. Quais? _____ |

9. Você acredita as tecnologias podem estar na escola para auxiliar na aprendizagem?

() Sim () Não

Por quê?
